

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
Curso de Teologia

EDUARDO DE AMORIM

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ À LUZ DO CATECUMENATO:
Continuidade e Atualização na Vida da Igreja

São Paulo–SP

2026

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Eduardo de Amorim

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ À LUZ DO CATECUMENATO:
Continuidade e Atualização na Vida da Igreja

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção, como
requisito parcial para obtenção do título de
BACHAREL em Teologia, sob orientação
do Prof. Dr. Tiago Gurgel do Vale.

São Paulo–SP

2026

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Amorim, Eduardo de
INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ À LUZ DO CATECUMENATO: Continuidade e
Atualização na Vida da Igreja. / Eduardo de Amorim. -- São Paulo: [s.n.], 2026.
71p. ; 21x29,7 cm.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Gurgel do Vale.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Graduação em Teologia, 2026.

1. Cristianismo. 2. Igreja Católica. 3. Iniciação à Vida Cristã. 4. Catequese. I. do Vale,
Prof. Dr. Tiago Gurgel.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Trabalho
de Conclusão de Curso para Graduação em Teologia. III. Título.

CDD

Eduardo de Amorim

INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ À LUZ DO CATECUMENATO:
Continuidade e Atualização na Vida da Igreja

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Tiago Gurgel do Vale.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Prof. Dr. Tiago Gurgel

“Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.”

(2 Pedro 3,18)

AGRADECIMENTOS

Rendo graças a Deus, por todo o conhecimento adquirido ao longo dos últimos anos, com sabedoria e perseverança que me acompanhou ao longo desta trajetória acadêmica. Ao nosso bispo, Dom Pedro Carlos Cipollini, a quem agradeço em nome de toda a Diocese de Santo André, pelo incentivo. E a toda a estrutura oferecida com todos os colaboradores e equipe formativa, destaco o nosso diretor de estudo, Pe. Rafael Capelato, e o auxílio da pedagoga Sandra, que foram fundamentais para que pudéssemos dedicar-nos aos estudos e assim concluir mais essa etapa com êxito.

Agradeço à minha família, cujo apoio constante, oração e incentivo silencioso foram fundamentais para que eu pudesse avançar com serenidade e dedicação. Sou igualmente grato aos professores e orientadores que, com sensibilidade pastoral e compromisso com a formação integral, contribuíram significativamente para o amadurecimento deste trabalho.

Aos colegas de percurso e à comunidade acadêmica da qual fiz parte, manifesto minha sincera gratidão pelas trocas de saberes, pelos debates que ampliaram horizontes e pelo ambiente intelectual que favoreceu o desenvolvimento crítico e teológico deste estudo.

Por fim, reconheço e agradeço a todas as pessoas da instituição Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, aos que, direta ou indiretamente, colaboraram com esta pesquisa. Que este trabalho, fruto de esforço humano e graça divina, possa servir como contribuição humilde ao saber teológico e ao compromisso cristão com a formação catequética adequada a todos os cristãos, sendo verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo.

RESUMO

O projeto de pesquisa conduz um estudo e aplicação da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal da Igreja Antiga, por um caminho que apresenta as dificuldades e superações desta trajetória, fazendo um resgate histórico da catequese de Iniciação Cristã, nos primeiros séculos, conhecendo seu desenvolvimento para a aplicação prática na Igreja atual. O intuito é tornar conhecida a história dos apóstolos que assumem a missão de apresentar um caminho de fé ao povo e sua adesão ao projeto de Salvação, levando ao conhecimento de todos, a história do processo catecumenal existente na Sagrada Escritura e aprimorada ao longo do tempo pelos Padres da Igreja. Para isso, o caminho proposto será de apresentar a origem do catecumenato primitivo, ir às fontes históricas dos Apóstolos e buscar fundamentos bíblicos. O propósito, por meio desta pesquisa, é ter maior compreensão da teologia catecumenal com seu instrumental teórico existente sobre a Iniciação Catequética, que leva os catequistas e catecúmenos a encantarem-se com a vida de Jesus Cristo e assim segui-lo com maior compromisso da sua fé cristã, assumida com o sacramento do batismo. Enfim, com o material pesquisado por meio das Sagradas Escrituras, livros e documentos do Magistério e Estudos da CNBB, a intenção é dar pistas na formação dos que trabalham com a Iniciação à Vida Cristã, com o objetivo de transformar a vida dos catecúmenos que aderem conscientemente às suas responsabilidades de ser cristão, formando discípulos missionários.

Palavras-chave: catequese, iniciação à vida cristã, catecumenato, discípulos missionários.

ABSTRACT

This research project conducts a study and application of Christian Initiation inspired by the catechumenal method of the Early Church, following a path that presents the difficulties and triumphs of this trajectory. It involves a historical overview of Christian Initiation catechesis in the first centuries, understanding its development for practical application in the Church today. The aim is to make known the history of the apostles who undertook the mission of presenting a path of faith to the people and their adherence to the project of Salvation, bringing to the attention of all the history of the catechumenal process existing in Sacred Scripture and refined over time by the Church Fathers. To this end, the proposed approach will be to present the origin of the primitive catechumenate, to the historical sources of the Apostles, and to seek biblical foundations. The purpose of this research is to gain a greater understanding of catechumenal theology and its existing theoretical framework on Catechetical Initiation, which leads catechists and catechumens to be captivated by the life of Jesus Christ and thus follow Him with a greater commitment to their Christian faith, assumed through the sacrament of baptism. Ultimately, using material researched through Sacred Scripture, books and documents of the Magisterium, and studies by the CNBB (National Conference of Brazilian Bishops), the intention is to provide guidance in the formation of those who work with Initiation into Christian Life, with the goal of transforming the lives of catechumens who consciously embrace their responsibilities as Christians, forming missionary disciples.

Keywords: catechesis, initiation into Christian life, catechumenate, missionary disciples.

LISTA DE SIGLAS

AG	Constituição Apostólica <i>Ad Gentes</i>
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana
CIGC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CT	Catechesi Tradendae
DC	Diretório Para a Catequese
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação Apostólica, <i>Evangelii Gaudium</i>
IVC	Iniciação à vida Cristã
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
SC	Constituição Apostólica <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SME	Sancta Mater Ecclesia
Vaticano II	Concílio Ecumênico Vaticano II
VD	Verbum Domini

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 INÍCIO DO PROCESSO CATEQUÉTICO CRISTÃO	11
1.1 A importância das fontes bíblicas para a Iniciação à Vida Cristã	11
1.2 A Expansão do cristianismo	14
1.3 Iniciação Cristã de Hipólito de Roma	19
1.4 Contribuições de Justino de Roma, Clemente de Alexandria e Orígenes para os estudos da catequese	21
1.5 Os catequistas no período do catecumenato primitivo.....	24
1.6 Declínio do catecumenato.....	29
1.7 O desenvolvimento da catequese na Idade Moderna e Contemporânea pela Europa e a chegada ao Brasil	29
2 INICIAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO DO VATICANO II	32
2.1 O Movimento Catequético e a centralidade do Querigma na transmissão da fé	32
2.2 Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA): um itinerário de formação cristã	34
2.3 Os desdobramentos da catequese em documentos pós-sinodal.....	38
2.4 O Catecismo da Igreja Católica: uma síntese da fé cristã.....	42
2.5 Documento de Aparecida: contribuições da catequese na formação de discípulos e missionários	46
3 VIVÊNCIA PRÁTICA DA FÉ CRISTÃ	49
3.1 Estudos das fontes do cristianismo	49
3.2 Os fundamentos e ações da catequese conforme os documentos da CNBB	51
3.2.1 Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã	52
3.2.2 A evangelização dos adultos e os desafios na vivência da fé	55
3.2.3 Orientações conforme o Diretório para a Catequese 2ª edição — Doc. da Igreja 61.....	58
3.2.4 Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários — Doc. da CNBB 107	60
3.3 A importância da liturgia e mistagogia na IVC.....	61

3.4 Catequese continuada como processo formativo dos cristãos	64
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

INTRODUÇÃO

A Iniciação à Vida Cristã (IVC) se apresenta como um desafio à Igreja ao passo da inserção dos fiéis progressivamente, por meio do mistério de Cristo, na vivência da comunidade de fé e a metodologia na relação catequese, liturgia e missão. Desde os primeiros séculos do cristianismo, a Igreja procurou organizar um processo de formação que favoreça a apresentação do Querigma e alcance assim maior eficácia na transmissão do Evangelho. Neste caso, o contexto histórico apresentado desde a iniciação do cristianismo é acompanhado de crescimento espiritual e de inserção na vida eclesial, em vista de serem preparados a receber os sacramentos. Ao longo da história, esse processo formativo passou por diversas transformações, influenciadas pelas mudanças culturais, sociais e pastorais vividas pela Igreja em diferentes épocas.

O presente trabalho tem como objetivo refletir o percurso histórico, teológico e pastoral da Iniciação à Vida Cristã (IVC), analisando o processo catequético desde suas origens até as orientações atuais do magistério da Igreja e suas aplicações no Brasil. No primeiro momento, aborda-se o início do cristianismo, destacando a importância das fontes bíblicas no crescimento e amadurecimento da fé nas primeiras comunidades cristãs; nesse contexto, são analisadas as contribuições de autores da tradição patrística, como Justino de Roma, Clemente de Alexandria, Orígenes e Hipólito de Roma, os quais contribuem para a estruturação da formação catequética e introdução do catecumenato na Igreja Primitiva, séculos I a IV.

Verifica-se o importante papel do catequista na época do catecumenato primitivo, exercido pelos bispos em suas pregações, auxiliados pelos presbíteros e professores teólogos das escolas catequéticas. Analisa-se o declínio do catecumenato com a oficialização do cristianismo, sendo que uma das mudanças é a popularização do batismo de crianças. Outro ponto a ser destacado ao longo da história é o desenvolvimento da catequese na Idade Moderna e Contemporânea, marcada com a criação dos catecismos doutrinários, especialmente na Europa com renovações metodológicas e pedagógicas do sistema catequético, que influenciou na posterior difusão do processo catequético no Brasil, o qual sofreu várias modificações, inicialmente com a evangelização missionária realizada pelas antigas ordens e

congregações, adaptando posteriormente a catequese para um sistema de instrução doutrinal, com toda a estrutura religiosa do Padroado português.

A seguir, o estudo da Iniciação à Vida Cristã (IVC) no contexto do Concílio Vaticano II promoveu uma profunda renovação pastoral na Igreja com o resgate do catecumenato como modelo inspirador para a catequese contemporânea. Nesse contexto, destaca-se o movimento catequético que propõe a retomada da centralidade do Querigma para a transmissão da fé. Ganha importância o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) como o itinerário formativo para o processo de inserção à vida cristã. Diante disso, são considerados os principais desdobramentos da catequese nos documentos pós-conciliares, como o Catecismo da Igreja Católica, com o resgate das fontes bíblicas, tradição apostólica e magistério; e o Documento de Aparecida, que enfatiza a formação por meio do processo catecumenal com o intuito do crescimento cristão, preparando-os ao testemunho de discípulos e missionários comprometidos com a evangelização.

Desta maneira, o trabalho reflete acerca da vivência prática da vida cristã, relacionando os fundamentos da iniciação cristã com sua aplicação pastoral na realidade atual da Igreja. Para essa finalidade, analisa-se a importância do estudo das fontes do cristianismo, as orientações catequéticas presentes nos estudos e documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a pastoral dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã e os desafios da evangelização dos adultos como foco na formação permanente das famílias. Da mesma forma, são consideradas as diretrizes do Diretório para a Catequese e o documento da iniciação à vida cristã, além da relação catequese e liturgia, favorecendo a implementação da mistagogia no processo formativo contínuo.

Por fim, busca-se evidenciar que a catequese, quando compreendida como processo ininterrupto formativo, contribui para o amadurecimento da fé e para a formação de cristãos comprometidos com a vida da Igreja e com a missão evangelizadora no mundo contemporâneo.

1 INÍCIO DO PROCESSO CATEQUÉTICO CRISTÃO

A catequese de Iniciação à Vida Cristã — IVC, de inspiração catecumenal, é uma realidade da Igreja atualmente. Neste primeiro capítulo, o estudo passa pela importância da Palavra de Deus, sendo fonte de inspiração a um aprofundamento da caminhada de Jesus Cristo. A expansão do cristianismo dá-se com os testemunhos dos apóstolos ao conduzir a missão recebida pelo próprio Senhor. Tendo como base um cristianismo sólido, os teólogos do período patristico, séculos I a IV, dão suas contribuições ao processo catequético da época. Esse catecumenato tem pessoas preparadas no conhecimento teórico e prático da fé. Apresenta o trabalho de evangelização dos catequistas, a passagem ao declínio do catecumenato, o desenvolvimento da catequese na Idade Moderna e Contemporânea, destacando a Europa até sua difusão no Brasil, objetivando aproximar a compreensão do desenvolvimento histórico da ação catequética aberta ao diálogo com os contextos culturais e pastorais de cada época.

O percurso da IVC tem por intuito favorecer o catecúmeno ao encontro de Jesus Cristo, por meio da vivência na fé, no seu crescimento espiritual, doutrinal e moral. Assim, preparam as pessoas a tornarem-se discípulos missionários, que estarão inseridos na comunidade eclesial. Esse caminho passa pelo aprofundamento nas Escrituras e na fundamentação teológica das etapas de acolhida, iluminação e mistagogia. Para realizar esse estudo, será utilizada a história da Igreja dos primeiros séculos, os textos dos primeiros Padres da Igreja, os teólogos que adaptaram a filosofia greco-romana para fundamentar e defender a doutrina cristã, bem como o testemunho e trabalho dos primeiros catequistas.

1.1 A importância das fontes bíblicas para a Iniciação à Vida Cristã

As Sagradas Escrituras apresentam claramente o núcleo da pregação apostólica, o “Querigma”, primeiro anúncio da fé, proclamado até hoje pela Igreja. O Diretório Nacional de Catequese apresenta: “O centro do *primeiro anúncio* é a pessoa de Jesus, proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva a todos” (DNC, 2006, n. 30).

No contexto do cristianismo, a salvação é vivenciada no mistério pascal, o qual compreende sua encarnação, morte e ressurreição. Como vemos, o anúncio é parte integrante da evangelização que marca o encontro dos que desejam ser cristãos, assim como Paulo dá testemunho em discurso querigmático, em uma de suas cartas à comunidade de Corinto: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia” (1 Cor 15,3-4).

Desde os primórdios, a Igreja coloca as pessoas no caminho de introdução ou inserção no mistério de Cristo, ponto de partida da missão evangelizadora a todos os cristãos. As Sagradas Escrituras com relatos de uma experiência de fé, apresentando um Ser Supremo que cria tudo e a Ele é dado o nome de Deus, ou “Senhor”.

Desde a tua infância, conheces as sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra. (II Tm 3,15-17)

Acolher a Palavra do Senhor é assumir uma vida interior de espiritualidade e testemunho de fé, de um Deus que se revela em Jesus Cristo, que assumiu nossa humanidade. Assim, pelas Escrituras, no encontro com Jesus Cristo que revela o Pai, na dinâmica do Reino de Deus, o catecúmeno desperta-se para a fé. “O querigma é anúncio e proclamação para suscitar a fé nos ouvintes e manter acesa sua chama, de modo que acolhendo Jesus como Filho de Deus, Senhor e salvador [...]” (CNBB, 2009a, n.19).

Assim, os apóstolos são os primeiros a serem imbuídos da missão evangélica de ir a todo o mundo e auxiliam na experiência de fé com a comunidade cristã, “procure estar todos os dias na companhia dos fiéis, para encontrar apoio nas palavras deles” (Didaqué, 2004, p. 14). Na Instrução *Sancta Mater Ecclesia* (1964), apontam para os apóstolos como garantidores das verdades de Jesus pela proximidade que tiveram e aprenderam do mestre. O Cristo Nosso Senhor escolheu discípulos (cf. Mc 3,14; Lc 6,13), que o acompanharam desde o início (cf. Lc 1,2; At 1,21-22), tendo condições de serem testemunhas de sua vida.

Nas Sagradas Escrituras, a importância do testemunho dos apóstolos reforça a missão confiada à Igreja ao fazer memória e anunciar “os acontecimentos da vida de Jesus com a finalidade de levar a fé em Cristo e de aceitar sua mensagem de salvação” (SME, n. 2).

O magistério da Igreja auxilia na interpretação, com a garantia de salvaguardar os valores teológicos contidos nos textos sagrados, sempre reforçando a ideia de que “os apóstolos pregaram a Boa-nova cheios do Espírito Santo e os Evangelhos também estão repletos da ação do mesmo Espírito” (SME, n. 2).

Após a apresentação dos critérios de interpretação das verdades históricas dos Evangelhos, a instrução SME tornou-se importante no desdobramento das discussões no Vaticano II, que posteriormente resultou na promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina. Deste modo, estabelece um equilíbrio entre “a Tradição e a Escritura, da qual constituem o depósito da fé, confiado à Igreja” (DV, 10). Ambas funcionam como pilares e a IVC tem a missão de oferecer o acesso a essa história comunicada pelas escrituras.

Temos com a “Boa Notícia”, na qualidade de mensagem na evangelização, uma proposta a todos que ouvem a Palavra de Deus, ao proclamar a Jesus como a verdade ao mundo, reconhecendo a Cristo como o Messias. Assim, o se tornar discípulo é se aproximar de Jesus, o qual, se revela por amor do Pai, se espera do ser humano uma resposta em obediência a essa fé revelada, assim como relata a *Dei Verbum*.

De fato, o Senhor convida a humanidade a acolher, por meio da fé, o seu projeto de Salvação, conferindo acesso aos bens divinos, na relação de comunhão e experiência a ser desenvolvida no processo da IVC. Assim, “pela Revelação divina, quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação dos homens, para os fazer participar dos bens divinos [...]” (DV, 6).

A transmissão da mensagem de Cristo deve preservar sua integridade ao longo da história, deste modo, “ninguém ignora que, entre todas as Escrituras, mesmo do Novo Testamento, temos os Evangelhos em primeiro lugar, enquanto são o principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador” (DV, 18). É o Senhor quem dá a vida e garante a vida eterna, mediante Jesus, que diz: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá” (Jo 11, 25-26).

A constituição *Dei Verbum* recomenda a leitura da Palavra tanto por parte dos clérigos quanto dos demais que assumem a missão de instruir os catecúmenos na fé, “como os diáconos e catequistas, são encarregados do ministério da palavra, mantenham contato íntimo com as Escrituras, mediante leitura assídua e estudo

acurado [...]” (DV, 25). Logo, os catequistas têm por obrigação comunicar a riqueza das Sagradas Escrituras aos que estão sob sua responsabilidade na formação catequética.

Na formação dos novos cristãos, a *Verbum Domini* (2010) do Papa Bento XVI evidencia a importância de se ler o Antigo Testamento sob uma hermenêutica Cristológica, assim como o plano divino de salvação, com Jesus ressuscitado a nova e eterna aliança, assim formando discípulos conhecedores da Palavra. “[...] o Novo Testamento requer ser lido à luz do Antigo. A catequese cristã primitiva recorreu constantemente a esse método” (VD, n. 41).

Na caminhada da IVC pressupõe-se um mergulho na Palavra revelada em Cristo, com o objetivo de oferecer a conversão a quem deseja seguir o Cristo revelado. Com a catequese de inspiração catecumenal tendo a centralidade nesta Palavra, não se pode perder de vista a Tradição da Igreja, como fundamentos de uma fé madura, propondo aceitação ao Evangelho e assumi-lo como modo de vida. Para isso, durante a formação, “[...] com o Querigma, serão lançadas raízes no coração da pessoa ao longo do processo, isto é, a catequese, o batismo é sinal dessa mudança de vida” (Lima, 2016, p. 25).

A catequese tem a preocupação de refletir o mistério de Cristo, como a revelação do Pai, segundo o Pe Dr. Abimar Oliveira de Moraes: “Para que o mistério de Deus se realize historicamente e seja comunicável aos seres humanos, é preciso que se expresse e se manifeste numa forma humana que torne visível a misericórdia salvífica de Deus” (SBCat, 2025, p. 44).

Deste modo, a revelação de Jesus Cristo é presença viva e eficaz, por isso a importância da valorização no uso da Palavra de Deus nos encontros preparatórios da IVC, apresentando um Deus que se revela no seu filho e esse mistério permite ao ser humano participar da ação divina. O contato com a Palavra de Deus deve fazer parte do processo natural do cristão para o seu aprofundamento espiritual e o entendimento da importância em sua vida da presença na comunidade, com a responsabilidade em promover um caminho de diálogo com a sociedade.

1.2 A Expansão do cristianismo

O Cristianismo teve sua origem no século I, na Judeia, pela transmissão dos ensinamentos de Jesus Cristo testemunhados pelos apóstolos após a morte de Cristo,

com sua ressurreição e ascensão aos céus. Os apóstolos receberam a missão de levar a Palavra de Deus a todos os povos, por meio do testemunho e da vivência cristã, ao celebrar o mistério pascal. O Irmão Israel José Nery de Machado (Irmão Nery), em sua obra “Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta”, refere-se a uma evangelização por meio de uma linguagem própria do universo judaico assumida pelo cristianismo.

O cristianismo, ao passar do mundo judeu para o mundo grego, foi adotando e adaptando termos e expressões para poder expressar-se. Encontrou o verbo “evangelizar” (ev ou eu = “bom”, “boa”; angelia, angelón = “notícia”, “mensagem”), portanto, “anunciar Boa Notícia ou boa mensagem”. Na cultura grega, era usado para anunciar um nascimento, um armistício ou um novo líder. Não tem, por si só, um significado religioso. Mas, para os seguidores de Jesus Cristo, o “Immanuel” (em hebraico), isto é, o “Deus conosco”. E “evangelizar” foi o verbo escolhido pelos cristãos para comunicar o principal acontecimento da fé, a ressurreição de Jesus Cristo e, a partir dela, a vida, os ensinamentos e a missão dele (Nery, 2019, p. 31-32).

O ato de evangelizar torna-se natural ao transmitir o conteúdo da fé de forma catequética, ou seja, ao ensinar o caminho de Jesus Cristo. Compreende-se em inserir a pessoa na vida da comunidade eclesial, ao apresentar o Reino de Deus. Nesse processo, os cristãos conscientes da sua missão tornam-se discípulos de Jesus, propagando a fé com novo ardor.

O conceito de querigma, tanto no Novo Testamento como na tradição cristã que se segue, significa justamente esse núcleo central da pregação apostólica, aquilo que se torna a raiz geradora de toda a fé cristã. Logo no início, são diversas as formas de pregação sobre a pessoa de Jesus, seu ministério, o encontro com ele, sua aceitação (Lima, 2016, p. 24).

A IVC tem por função apresentar a pessoa de Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, mediante um encontro de experiência de fé, graças à acolhida do testemunho dos apóstolos, com a afirmação de que todos passarão dessa vida à ressurreição com a promessa “na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo 14,2).

A instrução da fé dá-se pelos apóstolos que apresentam o verdadeiro caminho da salvação com a exortação “fique atento para que ninguém o afaste deste caminho da instrução, pois aquele ensinaria a você coisas que não pertencem a Deus” (Didaqué, 2004, p. 18).

A pregação apostólica vai muito além da transmissão de uma doutrina da fé, mas procurou apresentar Cristo por base e fundamento, de tal modo que não precisamos de outra doutrina além da que já viveram e receberam no batismo, assim como temos na carta de Paulo aos Hebreus:

Por isso, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus. E da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno (Hb 6, 1-2).

A Igreja, dos primeiros séculos, apoiada nos escritos apostólicos, auxilia-nos a compreender a transformação social e cultural formada pelos seguidores do Senhor, que passam de perseguidos à condição de religião oficial do Império.

Com o fenômeno posterior das grandes migrações do norte para o sul, em busca de melhores terras e condições de vida, o cristianismo também se tornou elemento unificador no continente europeu e no Oriente Próximo. As atividades da Igreja, sobretudo a evangelização e a catequese, para além de sua finalidade principal de formar discípulos e seguidores de Jesus Cristo, adquiriam também o caráter de instrumento de socialização e inculturação (Lima, 2016, p. 19-20).

A aproximação da Igreja ao Império Romano foi benéfica em partes, como temos o grande número de convertidos que são acolhidos e não mais perseguidos, mas houve prejuízos com a interferência do império nas decisões da Igreja e que atingiram a qualidade da evangelização. Com o *Édito de Milão (313)*, o imperador Constantino autoriza o culto e, posteriormente, o *Édito de Tessalônica (380)*, por Teodósio Magno, oficializa a religião do Estado.

Logo, a sociedade tornou-se cristã, e numa sociedade em que as pessoas já nascem cristãs, o catecumenato não se faz mais necessário. Generalizou-se o batismo de crianças, o que não existe no Novo Testamento. Mas a igreja, com a reviravolta havida, generalizou essa prática (séc. V), substituindo o catecumenato (Lima, 2016, p. 31).

Porém, o afastamento das origens do catecumenato traz efeitos de uma catequese “esvaziada” do sentido “querigmático”, uma vez que o sentido da existência da Igreja dá-se pela revelação de um Deus próximo que deseja comunicar-se com sua criação. “Tudo o que a Igreja é e tudo o que a Igreja faz tem seu fundamento último no fato de que Deus, em sua bondade e sabedoria, quis revelar o mistério de sua vontade, comunicando-se a si e às pessoas” (DC, n. 11).

No século IV, com o crescimento e fortalecimento do Império Romano, entre suas políticas adotadas, estava a massificação do cristianismo, iniciada por Constantino. Os historiadores apontam a união entre os poderes “temporal” (imperadores) e “espiritual” (Papa) dos séculos IV e V, que marca o início da cristandade. “Os favores do Império Romano ao cristianismo enfraqueceram as

motivações para a fé, relativizaram o itinerário catecumenal e os compromissos dos novos batizados” (Nery, 2019, p. 113).

Em virtude disso, a massificação do cristianismo reflete-se profundamente na decadência da IVC, que, sem uma catequese formativa do cristão, compromete diretamente a conversão e participação consciente das pessoas. Desta forma, buscase, na atualidade, resgatar a compreensão de que a Igreja tem o papel de transmitir valores familiares e os pais assumirem a função dos catequistas, ensinando as principais orações, sendo um catecumenato mais social, conduzindo-os à vida da comunidade eclesial. A comunidade realiza sua missão ao ser espaço de acolhida das práticas devocionais do povo e ao celebrar os sacramentos, envolvendo os fiéis na participação da liturgia.

Outro ponto a ser considerado é o problema que ocorre na qualidade dessa formação catequética familiar, considerando que nem sempre as famílias tinham conhecimento dos textos bíblicos e convicções sólidas da doutrina e da fé cristã. O presbítero Antonio Francisco Lelo, pesquisador na área de catequese com estilo catecumenal, em uma de suas obras “Catequese com estilo Catecumenal”, apresenta como um desafio ser cristão:

Em clima de crmandade, a iniciação cristã era papel da família e da própria sociedade. A primeira adesão a Jesus Cristo era suposta, pois o contexto social já levava à prática cristã. A catequese, em geral para crianças, acentuava fortemente a dimensão doutrinal (Lelo, 2014, p. 11).

Com o abandono do processo catecumenal por parte dos adultos, torna-se uma pastoral de conservação, assim as famílias deixam de ser evangelizadas (Lelo, 2014). As consequências são graves, com crianças conduzidas à catequese, não mais vivenciando o processo de IVC e sim de caráter somente doutrinal em forma de “catecismo”.

Ao estudar as obras de Santo Agostinho, vemos uma ligação direta da catequese com a história da salvação que passa pelas escrituras e pela missão da Igreja, a qual Deus quer salvar a todos. Na obra “A Instrução dos Catecúmenos”, de Agostinho, no capítulo V, aponta um questionamento que deve ser feito a quem deseja ser cristão quanto à sua real motivação.

Santo Agostinho chama os que desejam ser iniciados na fé cristã de novatos. “De fato, não sabemos em que momento vem com o espírito aquele cujo corpo já

vimos presente. Devemos agir de maneira que se desenvolva nele, se o não tem, o desejo de cristianismo” (Agostinho, 2020, p. 66).

Solange Maria do Carmo, em sua análise ao processo catequético, como podemos verificar em sua obra “Catequese no mundo atual”, contribuiu ao estudar a história do cristianismo e as crises enfrentadas pelas comunidades cristãs, fazendo um olhar à transmissão da fé e à instrução doutrinal, sinalizando-as como conteúdo formativo do período da cristandade. Por outro lado, a catequese renovada do Vaticano II apresentou como devemos relacionar a fé à vida cotidiana, utilizando-se da Bíblia como fonte da catequese e a vida eclesial, aproximando o catequista do catequizando. Fica evidente o fracasso de ambos os processos, seja da cristandade como da catequese renovada, quanto à não permanência de um processo de evolução natural formativa do cristão, pois a IVC propõe uma experiência com Jesus Cristo pelo caminho da fé e essa ação não é uma realidade presente no cotidiano das famílias, como ocorria na Igreja antiga, sendo assim, verificamos que o processo catequético ao longo dos séculos perdeu forças e tornou-se menos presente na vida das pessoas.

Neste sentido, vale nos questionar: Qual é a tarefa da catequese? Solange Maria do Carmo auxilia-nos na resposta a essa pergunta: “Ela deve despertar a fé, irradiar a fé. Ela deve fazer todo o processo de iniciação, a começar pela árdua tarefa de despertar o desejo de professar a fé” (Carmo, 2016, p. 25). Logo, a catequese deve contribuir eficazmente para o desenvolvimento do cristianismo com o retorno às fontes bíblicas de experiências vividas por aqueles que por Cristo foram chamados e formados.

Com o movimento bíblico, anterior ao Vaticano II, evidencia-se a crescente acolhida da Palavra de Deus. “Assim, com a vida da Igreja que cresce com a assídua frequência do Mistério Eucarístico, é lícito esperar também novo impulso de vida espiritual, do aumento de veneração pela Palavra de Deus, que permanece para sempre” (DV, 26).

Cabem aos pastores zelarem por essa tradição da Igreja, da qual, pelos gestos, aproxima-nos da vida de Jesus Cristo, e suscitam nos catequistas o mesmo amor pela Palavra de Deus, testemunhando o evangelho.

1.3 Iniciação Cristã de Hipólito de Roma

No início do terceiro século, Hipólito de Roma, conhecedor do evangelho e das fontes primeiras dos Padres da Igreja, foi um autêntico guardião em defesa do que realmente importava para o cristianismo crescente. Hipólito utilizou os textos de Justino, Apologia I, ao afirmar a importância de preservar a memória dos apóstolos, ou o Diálogo com Trifão, sobre a teologia e o arrependimento necessário da pessoa para receber a graça do perdão dos pecados. Com isto, Hipólito desenvolveu sua catequese sobre liturgia, onde “mostra bem claramente a urgência de uma iniciação séria à fé, ao batismo, à vida cristã, à constituição da assembleia litúrgica” (Hipólito, 2004, p. 8).

Na obra “Tradição Apostólica, de Hipólito de Roma”, verificamos uma parte importante: antes de receber os sacramentos da IVC, temos um rito de acolhida ou de admissão ao seguimento do cristianismo, seguindo critérios e passos na fé. “Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra, sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas — antes da entrada do povo — e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé” (Hipólito, 2004, p. 56).

Diante dessa primeira instrução, verificamos a importância do catequista introdutor que dará testemunho e transmitirá ao fiel um caminho de mudança e busca pela salvação, no encontro íntimo com Jesus Cristo. Após esta etapa, só assim, segundo Hipólito, estariam aptos para ouvir a Palavra de Deus, garantindo as tradições da Igreja que remontam ao período apostólico.

Nesse período surge a expressão “catecúmeno” para referir-se às pessoas iniciadas na fé cristã: “ouçam os catecúmenos à Palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter — nada mais — será julgado” (Hipólito, 2004, p. 59). Temos aqui uma referência ao tempo necessário de catequese de três anos, uma orientação ao tempo previsto como regra, mas faz-se uma ressalva de exceção aplicada aos que se destacassem e demonstrassem estar aptos a avançar no processo catecumenal independente do tempo total percorrido, podendo assim, participar da celebração de recepção que antecede ao sacramento do batismo.

A orientação acima se dá por uma particularidade do rito na época: o catecúmeno, estando preparado, após ouvir a Palavra, fazia suas orações particulares e prescrevia-se a imposição das mãos, com o objetivo, seja do catequista ou do

clérigo, enunciar a instrução da doutrina. “O catequista, após a prece, imporá a mão sobre os catecúmenos, rezará e os dispensará; quer seja um clérigo ou um leigo, pregando a doutrina, assim o fará” (Hipólito, 2004, p. 60).

Lembremos que os catequistas da época eram clérigos e leigos que tinham uma vida de testemunho e fé exemplar perante a comunidade cristã e aos catecúmenos. Isso explica a orientação acima, de que clérigo ou um leigo exercia essa função no rito celebrado.

Dentro deste rito, citado acima, os catecúmenos que recebessem o batismo em celebração presidida pelo bispo eram apresentados a toda a igreja. E assim, “escolhidos os que receberão o batismo, sua vida será examinada: se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações” (Hipólito, 2004, p. 60).

Em local à parte, antes do rito do batismo, os catecúmenos ficavam reservados em oração, tinham a imposição das mãos do bispo e, em seguida, marcavam com o sinal da cruz no ouvido e na boca, que posteriormente ficaram conhecidos como o “Éfata”.

Jejuem os que receberão o batismo na véspera do sábado; e, no sábado, serão eles reunidos em um só local, designado pelo bispo. Ordene-se a todos que rezem e se ajoelhem: impondo sobre eles a mão, exorcizará o bispo todos os espíritos estranhos para fugirem e não tornem jamais; ao terminar o exorcismo, sobre-lhes no rosto (Hipólito, 2004, p. 61).

O rito segue com a acolhida e celebração do batismo na entrada da igreja. Após a bênção da água, realizava-se o batismo e eram feitas as unções já previstas para a época, com o óleo do catecúmeno e da confirmação. “Depois, um por um, enxuguem-se, vistam-se e entrem na igreja” (Hipólito, 2004, p. 64).

Na mesma noite do batismo, os demais sacramentos da Iniciação Cristã eram recebidos: confirmação e eucaristia. Aqui cabe uma particularidade do rito eucarístico: na época, além do oferecimento do pão e do vinho, havia o oferecimento do leite e mel, com os diáconos auxiliando neste rito, “sobre o leite e o mel misturados, para lembrar a plenitude da promessa feita aos antepassados; nessa promessa, anunciou Deus a ‘terra de onde fluem o leite e o mel’” (Hipólito, 2004, p. 66).

Vale lembrar que, de todo esse rito, participam adultos que recebem todos os sacramentos e crianças que recebem o batismo e a confirmação. Deste modo, “após a cerimônia, apressem-se a praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na

piedade” (Hipólito, 2004, p. 67). Assim temos a orientação que Hipólito faz aos iniciados à vida cristã, que inspira a Igreja atualmente.

1.4 Contribuições de Justino de Roma, Clemente de Alexandria e Orígenes para os estudos da catequese

Os Padres da Igreja, na função de teólogos e pastores, contribuíram diretamente na defesa da fé, definindo a doutrina da fé cristã e combatendo heresias que alicerçaram a Igreja Primitiva. Entre suas contribuições, temos os textos que tratavam direta ou indiretamente da catequese. Alguns deles foram fundamentais para essa compreensão, podemos citar: Justino de Roma, que em sua escola catequética em Roma, tratou da importância do batismo; Clemente de Alexandria, que na escola de Alexandria apresentou o papel do mistagogo presente mesmo antes do cristianismo, no qual o catecumenato insere a pessoa ao processo catecumenal e, com Orígenes, que frequentou a mesma escola de Alexandria e posteriormente destacou-se no universo cristão como um grande catequista do seu tempo.

Com Justino de Roma, vemos que o sacramento do batismo foi considerado condição para garantir a regeneração do pecado para voltarmos à graça com Deus, isso está presente na Apologia I. No processo litúrgico da Igreja, a pessoa que havia pecado precisava da reconciliação, admitindo seus erros e estando convicto da necessidade de mudança, dessa forma seria convidada, juntamente com seu catequista orientador, para restaurar a harmonia com o Senhor, os dois “são instruídos em primeiro lugar para que, com jejum, orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles” (Justino, Apologia I, 1995, 61,2). Após esta etapa, estariam aptos a receber o sacramento do batismo:

Depois os conduzimos a um lugar onde haja água e pelo mesmo banho de regeneração com que também nós fomos regenerados, eles são regenerados, então tomam na água o banho em nome de Deus, Pai soberano do universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo (Justino, Apologia I, 1995, 61,3).

Justino de Roma reconhece que alguns cristãos cometem erros que mancham o cristianismo, mas em seu escrito fica claro que o Senhor quer salvar essas pessoas. Temos o sacramento do batismo celebrado em nome da Santíssima Trindade, que perdoa os pecados. Assim, Justino defende a fé em favor das verdades apresentadas

por Cristo, onde há um caminho de salvação: “se não nascerdes de novo, não entrareis no Reino dos Céus” (Justino, Apologia I, 1995, 61,4).

Na obra de Justino, vemos a relação do pecador com a graça de Deus Pai. Quando o pecador deseja a remissão dos seus pecados, ele passa pelo banho da regeneração, o qual aparecerá no processo formativo dos catecúmenos. Só após esse passo, busca-se uma vida interior de oração que consta de um exame de consciência e conversão, restaurando a amizade com Deus. “Esse banho chama-se iluminação, para dar a entender que são iluminados os que aprendem estas coisas” (Justino, Apologia I, 1995, 61,12).

O mesmo nome de iluminação é dado à terceira etapa do catecumenato, momento esse no qual os catecúmenos, após serem introduzidos no caminho da fé, estão preparados para celebrar os ritos iniciais da fé. Deste modo, em Justino, tem-se a manifestação de Deus na salvação trinitária, que se apresenta na realização do Pai, de Jesus Cristo, que se manifesta aos homens, e da ação do Espírito Santo, concretizando assim, o plano divino.

Outra contribuição importante foi de Clemente de Alexandria, discípulo e sucessor de Panteno, na escola de Alexandria, no final do séc. II e início do séc. III. “Clemente dirigia até esta época a catequese em Alexandria, de forma que Orígenes encontrava-se também no número de seus discípulos” (Eusébio, História Eclesiástica, 2000, VI,7). Desta forma, davam continuidade à formação dos teólogos e catecúmenos.

Observamos na obra “Exortação aos Gregos”, de Clemente de Alexandria, um destaque à presença de alguém mais velho no conhecimento dos mistérios gregos ou dos mitos helênicos que cercavam a cultura e a relação com as divindades. “São estes, pois, os mistérios secretos dos atenienses! Orfeu vos descreve tudo isso. E eu vos citarei os próprios versos do Cantor da Trácia, para que tenhais o mistagogo¹ como testemunha” (Clemente de Alexandria, Exortação aos Gregos, 2013, II 21,1).

Em outro trecho da mesma obra, todos são convidados a deixar o culto aos falsos deuses, pois agora conhecem a verdade com o *Logos* de Deus. “Vem a mim, ó ancião, deixa Tebas, tu, também! Abandona o vaticínio e o culto de Baco, deixa-te

¹ Mistagogo: sacerdote encarregado da iniciação dos ministérios. (N.T) cf. Clemente de Alexandria, Op. cit. nota 26, p.218.

levar, pela mão, à verdade” (Clemente de Alexandria, op. cit., XII 119, 3). Desta forma, Clemente apresenta o Cristo como caminho de luz e da verdade, e aqueles que aceitam ser iniciados na fé cristã passam por um rito de acolhida à vida cristã.

Na “Exortação aos Gregos”, o texto evoca uma festa ao deus Dionísio, o deus do vinho, que continha elementos claros comparados ao Sábado Santo, como lemos a seguir:

Ó mistérios verdadeiramente santos! Ó, luz diáfana! Levo tochas para contemplar Deus e os céus; torno-me santo ao ser iniciado: o Senhor é o hierofante e marca o iniciado com o sinal da cruz, conduzindo-o à luz e apresenta ao Pai aquele que creu, para que ele o guarde eternamente (Clemente de Alexandria, op. cit., XII 120, 1).

Na celebração do Sábado Santo, temos na liturgia da luz algo idêntico ao citado acima, que compõe a parte do rito do fogo novo, que será a luz do próprio Cristo no meio do povo que andava nas trevas. A seguir, Clemente apresenta outro elemento ritual com a unção do óleo do crisma, como sinal que marca a ação do Senhor na vida de quem o recebe: “Eu vos ungirei com o unguento da fé, por meio do qual vós vos despojareis da corrupção, e eu vos mostrarei a forma pura da justiça, através da qual chegareis até Deus” (Clemente de Alexandria, op. cit., XII 120, 5).

O Papa Bento XVI, em audiência pública de 2007, ao referir-se a Clemente de Alexandria, faz uma importante análise dos escritos do teólogo de Atenas.

O Protréptico, como diz a própria palavra, é uma "exortação" dirigida a quem inicia e procura o caminho da fé. Ainda melhor, o Protréptico coincide com uma Pessoa: o Filho de Deus, Jesus Cristo, que se faz "exortador" dos homens, para empreenderem com decisão o caminho rumo à Verdade (Bento XVI, papa, audiência pública, 2007).

Papa Bento XVI, como um grande teólogo que foi, com certeza tem propriedade ao analisar os textos de Clemente de Alexandria e reconhecer o percurso de maturidade cristã construída ao longo de seus textos, mostrando um caminho catecumenal à luz da fé e razão que ele tratava em suas obras.

Após termos Clemente de Alexandria à frente da escola de Alexandria, vamos ter um importante estudioso cristão conhecido por sua erudição em textos teológicos e interpretações bíblicas.

Orígenes, que tinha dezoito anos ao começar a dirigir a escola de catequese, progrediu muito na ocasião das perseguições sob Áquila, governador de Alexandria, e seu nome tornou-se extremamente célebre, junto de todos aqueles cuja fé ele estimulava [...]. (Eusébio, História Eclesiástica, 2000, VI,3,3)

Desde cedo, Orígenes destaca-se pela sua juventude e sua fé era de grande valia em meio aos homens e mulheres. Com seu testemunho, chamava a atenção de Demétrio, chefe da comunidade. Embora Demétrio tivesse restrições a Orígenes, conforme acompanhamos na história eclesiástica de Eusébio de Cesaréia, tinha ao seu lado a história que o acompanhava e testemunhava suas ações em defesa da fé.

O referido Orígenes foi muito prestigiado, como podemos verificar analisando “os bispos mais estimados e célebres da Palestina, os de Cesaréia e de Jerusalém, tendo julgado (ele) digno de privilégio e de honra mais elevada, lhe haviam imposto as mãos, ordenando-o sacerdote” (Eusébio, História Eclesiástica, 2000, VI, 8,4). Ao longo da sua caminhada, formou uma teologia sólida mediante as experiências de fé por ele vividas no período do século III: com os martírios, as disputas com os heréticos e os conflitos entre império e cristianismo.

Como “Orígenes entregava-se em Alexandria ao múnus da catequese divina em benefício de todos os que o procuravam dia e noite, sem distinção alguma, dedicando com presteza todo o tempo disponível às disciplinas religiosas e a seus discípulos” (Eusébio, História Eclesiástica, 2000, VI,8,6). Portanto, vimos alguns padres do período patrístico, que contribuíram fortemente com uma catequese teológica e pedagógica, uma vez que eles partem da origem do cristianismo e abordam seu desenvolvimento segundo as próprias experiências que esses padres vivenciaram.

Temos, com esse estudo, um belo testemunho da catequese querigmática do cristianismo, com Justino apresentando a parte ritual, em Clemente o pedagogo oferece-nos um método de instruir os adultos na fé, e com Orígenes a profundidade do conteúdo centrado nas Sagradas Escrituras, não perdendo de vista a valorização da pregação apostólica, tendo como centro o Reino de Deus apresentado por Jesus Cristo, aspirando revigorar nossa IVC.

1.5 Os catequistas no período do catecumenato primitivo

A formação dos catequistas sempre foi uma preocupação desde os primeiros séculos com a escola catequética de Justino de Roma e a escola de Alexandria. Os padres e os leigos, com o seu testemunho, são os catequistas deste período do catecumenato primitivo, que compreende os séculos II e III, nos quais os Padres exerciam o processo de acolhida na comunidade eclesial, sendo que, através da

instrução da fé, se dava o primeiro anúncio, a aceitação da Palavra de Deus e a mudança de vida com o testemunho frente à comunidade cristã. Vale ressaltar que, neste período, inúmeras pessoas procuraram o cristianismo, e estas deveriam ser acompanhadas por cristãos que já viviam a fé e teriam condições de testemunhar e anunciar a importância de uma vida com Jesus Cristo. Segundo o Irmão Nery, em sua obra “Catequese com Adultos e Catecumenato, história e proposta”, apontam caminhos nos critérios exigidos aos que pretendiam ser catequistas.

Após o Vaticano II, temos a contribuição de Luiz Alvez de Lima com a obra “A catequese do Vaticano II aos nossos dias”, que resgata fontes históricas do catecumenato primitivo e sua passagem e atualização pós-Vaticano II. Com o crescimento da Igreja, desde os apóstolos, constatava-se a necessidade de ter nas comunidades pessoas consideradas mestres e doutores que formavam a Igreja ministerial com seus dons e carismas colocados a serviço da comunidade que exerciam essa missão de catequistas.

Filipe era um evangelizador (cf. At 21,8; cf. 8,5-40). Por sua vez, São Paulo, na Carta aos Efésios e em sua primeira carta aos cristãos de Corinto, revelam-nos uma variedade bastante expressiva de pessoas a serviço da Palavra, todas, porém, suscitadas pelo próprio Senhor: “É ele (o Cristo) que a uns fez apóstolos, a outros profetas, a estes evangelizadores, àqueles pastores e doutores” (Ef 4,11); e Paulo até mesmo ensaia classificação e hierarquização das funções, ao dizer que “Deus estabeleceu em sua Igreja primeiramente os apóstolos, em segundo lugar os profetas, em terceiro os encarregados da evangelização...” (1Cor 12,28) (Nery, 2019, p. 44).

Por esta passagem citada acima, vemos uma igreja ministerial presente nas comunidades paulinas, cada um respondendo a um serviço específico, seja servindo a palavra como pregadores, evangelizando por meio do testemunho como fizeram os Apóstolos, ou orientando a comunidade, cada um assume sua função. Entre os que Paulo chama de evangelizadores sem os categorizar, compreendemos os catequistas da época que já estão presentes na comunidade e serão posteriormente as testemunhas fiéis do evangelho, aos demais cristãos.

Nas fontes bíblicas temos os que assumem a missão de testemunhar a experiência de fé vivida a partir da Palavra de Deus, características de quem exerce o ministério de catequizar, com isso apresentam pessoas dotadas na vivência eclesial, “Lembra-vos dos vossos dirigentes, que vos anunciaram a Palavra de Deus” (Hb 13,7a). Estes dirigentes catequistas eram exemplos na comunidade de fé, além de já exercerem funções de sacerdotes ou diáconos com suas responsabilidades específicas na comunidade.

Outra linha de reflexão era sobre os catequistas no séc. II, onde o autor Luiz Alves de Lima, com a obra “A Catequese do Vaticano II aos Nossos Dias: A caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã”, nos fala sobre o catecumenato, apresenta o processo, desde a acolhida do candidato até sua inserção ao ser reconhecido como catecúmeno e seus responsáveis por essa formação cristã. Compreendem-se estas pessoas como os catequistas da época.

O primeiro anúncio, a comunicação da fé, o primeiro testemunho e convite a aceitar a Palavra e a conversão eram tarefas da comunidade, ao passo que a catequese propriamente dita, como ensinamento e instrução, era competência do catequista: ele era o doctor, ou seja, aquele que sabe e tem capacidade de instruir, ensinar, educar. A partir de determinado momento, o bispo, que presidia a comunidade como sucessor dos apóstolos, instruía oficialmente: era “o catequista”.

A comunidade também apoiava com o testemunho. Aquele que se apresentava para ser cristão era levado por um ou vários irmãos (instrutores, introdutores, acompanhantes) que garantiam perante a comunidade as boas intenções do candidato e que este tinha possibilidade de conversão. Estes que introduziram na comunidade, chamados mais tarde de padrinhos, eram responsáveis pelo primeiro anúncio. Guiavam e controlavam a mudança de vida dos candidatos e os acompanhavam até que o bispo os chamasse para tomar parte do número daqueles que se preparavam para o batismo: então, tornavam-se catecúmenos (Lima, 2016, p. 27-28).

Alves de Lima observa que, no século II, a necessidade de pessoas adequadamente capacitadas para exercerem a função de catequistas deveria ter as competências para instruir, ensinar e educar, conduzindo os catecúmenos à consciência de sua missão ao participarem da vida litúrgica, e da ação de discípulos missionários. A comunidade deveria ser local de acolhida e exemplo, a ideia sempre era ter testemunhas fidedignas na transmissão da fé e no credo, além de estarem engajadas na comunidade eclesial, para serem padrinhos e acompanhar os catecúmenos.

A missão do catequista, no processo catecumenal, dava-se na transmissão da fé, tomando a história dos apóstolos, por meio das Sagradas Escrituras. Posteriormente, ocorria a inserção na vida litúrgica ao participar das celebrações, além da introdução da moral cristã centrada na fé, esperança e caridade. Com isso, a escolha dos introdutores-catequistas, tinha como base, pessoas que tinham domínio do vivencial cristão, da prática sobre os elementos doutrinários e teóricos sobre a Igreja, assim tinham condições de dar testemunho aos catecúmenos e de avaliá-los, analisando se os mesmos estão conseguindo seguir o cristianismo da forma correta e exemplar diante da comunidade eclesial.

Nos primeiros séculos do cristianismo, surge a escola de Alexandria, a qual teve sua criação atribuída ao filósofo e teólogo Panteno, conhecido nas escolas dos fiéis da região (centro de estudos bíblicos). Esta escola tinha a função de catequizar e formar catequistas pelos ensinamentos bíblicos e teológicos cristãos, como podemos observar na obra de Eusébio de Cesareia, “História Eclesiástica”, temos citações que contribuem para o resgate cronológico da história do séc. II:

Segundo antigo costume, havia entre eles uma escola das Letras Sagradas. Esta escola perdura até nós e sabemos que se acha em mãos de homens poderosos em palavras e zelosos pelas coisas de Deus” [...]. Entretanto, após diferentes obras boas, Panteno dirigiu pôr fim a escola de Alexandria, expondo oralmente e por escrito os tesouros da doutrina divina (Eusébio, História Eclesiástica, V, 10: 1-4).

Este centro de estudos bíblicos, do período helênico-romano, destacou-se pelo aumento no número de intelectuais e pelo local de treinamento para os teólogos, catequistas que interpretavam as escrituras. Um dos temas debatidos foi o querigma, desenvolvido posteriormente na catequese.

Outra escola catequética importante em Roma, no séc. II, teve sua criação atribuída a Justino, que a organizou com o intuito de apresentar a vida da comunidade primitiva cristã, da qual estava em defesa da fé. Em sua obra, relata a importância desse espaço de estudo que serviu para a formação de cristãos e catequistas: “Foi principalmente nessa ocasião que Justino atingiu o apogeu de sua carreira. Revestido do manto de filósofo, anunciava a Palavra de Deus e combatia com as obras em prol da fé” (Eusébio, História Eclesiástica, 2000, VI, 11,8).

Nas obras de Justino de Roma, vemos bem a Iniciação à Vida Cristã, que fala sobre o sacramento do batismo, desde a sua acolhida a quem deseja seguir o cristianismo, afastando-os das heresias e impulsionando-os por amor a Jesus Cristo a serem purificados e viverem no caminho da salvação. A teologia eucarística é outro tema que os catequistas trabalham nos encontros, sendo necessário mergulhar nos evangelhos para tornarem-se discípulos e seguidores de Jesus Cristo, extraindo a mensagem evangélica. Após esse processo, estariam prontos a participar do banquete eucarístico.

O processo catecumenal compreendia a etapa formativa com o ensino religioso e a vivência litúrgica, com os fundamentos destinados a transformar a vida do catecúmeno pela penitência e conversão. No próximo passo, o catecúmeno era conduzido a compreender o mistério eucarístico, para isso, no século II e III, utilizava-

se a Apologia de Justino de Roma, onde temos o banquete dos judeus que celebrava a aliança do povo de Israel com Deus e agora temos o banquete eucarístico de Jesus Cristo, com o sacrifício da nova e eterna aliança. A seguir, o texto auxilia nessa diferenciação: “fato de que, (na eucaristia) não tomamos essas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação” (Justino, Apologia I, 1995, 66,2). As celebrações realizadas com os catecúmenos valorizam e enriquecem ainda mais a participação deles na missa, as orações e súplicas criam costumes que despertam o amor a Jesus Cristo na eucaristia, fazendo como o próprio Jesus nos ensina: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19).

Os catequistas devem ter conhecimento da celebração eucarística, composta por preces de ação de graças, aclamações, isso refere-se à missão de cada um, onde “os que entre nós se chamam ministros ou diáconos dão a cada um dos presentes parte do pão, do vinho e da água sobre os quais se pronunciam a ação de graças e os levam aos ausentes” (Justino, Apologia I, 1995, 65,5).

Esses intérpretes alexandrinos, no estudo dos textos sagrados, são influenciados pela filosofia do neoplatonismo, platonismo e estoicismo. Com foco na interpretação alegórica das Sagradas Escrituras, a escola de Alexandria e de Roma deram um novo sentido à finalidade destes centros de ensino com a catequese oferecida aos convertidos do paganismo ao cristianismo, que desejavam ser batizados e tornarem-se cristãos.

Ainda ao analisarmos o contexto e a importância das escolas cristãs em Alexandria, cunha-se a expressão catecúmeno e catecumenato, derivados da catequese. Assim, “catecumenato é a organização desse processo de iniciação cristã. Nesse centro de teologia e catequese, a estrutura do catecumenato era flexível e chegou a durar até três anos” (Nery, 2019, p. 78).

Após a missão dos apóstolos dada pelo próprio Jesus Cristo, de ir por todo o mundo levando a sua Palavra, o processo de IVC com o catecumenato utiliza-se o termo querigma, anunciando aos fiéis o caminho pelo qual deveriam trilhar os que aceitavam ser cristãos, assumindo o compromisso de serem configurados ao Cristo.

1.6 Declínio do catecumenato

Um fato histórico importante dá-se logo após o *Edito de Tessalônica* em 380, tornando o cristianismo a “religião oficial do Estado”, fazendo o número de conversões aumentar de forma gradual e contínua. Tendo agora um grande número de cristãos, verifica-se uma diferença no modo como os catecúmenos estão sendo preparados. Até o séc. VI tínhamos a importância do testemunho na mudança de vida, o comprometimento com os valores cristãos assumidos pelo catecúmeno e a preparação acabava prolongada, fazendo com que o momento de receberem o batismo. Depois desse período “[...] a sociedade tornou-se cristã, e numa sociedade em que as pessoas já nascem cristãs, o catecumenato não se faz mais necessário” (Lima, 2016, p. 31).

O rito do batismo de adultos é adaptado às crianças e os pais e padrinhos são responsáveis pela evangelização delas, causando um rompimento na dimensão litúrgico-orante. A dimensão querigmática do anúncio se dá na vivência comunitária, que leva a todos a fazer a experiência do mistério de amor a Deus. A catequese deve ensinar a rezar, mas se os cristãos se afastam da Igreja, o reflexo fica evidente na falta de comprometimento dos cristãos uma vez iniciados e não evangelizados com a continuidade de sua catequese com a dimensão do ensino doutrinal e a vivência na liturgia como expressão maior do amor de Deus pelo seu povo (Lima, 2016).

1.7 O desenvolvimento da catequese na Idade Moderna e Contemporânea pela Europa e a chegada ao Brasil

Com a expansão do cristianismo pela Europa, após a queda do Império Romano (476) durante a Idade Média, o evangelho chega aos bárbaros e povos germânicos. Os povos já nascem em sociedade cristã e, com o auge da cristandade, alcançam fortes influências na organização da civilização. “A Igreja passou a ocupar o centro de toda a realidade, quase não havendo mais separação entre o religioso e o profano, pois cidade e paróquia se confundem” (Lima, 2016, p. 33).

Não havia estruturas de catequese para crianças nem adultos. “A fé era transmitida no seio da família e nas atividades do dia a dia” (Lima, 2016, p. 33). A participação na paróquia fazia parte da formação da educação da fé, pois eram as práticas litúrgicas que demonstravam o quanto as pessoas estavam inseridas na instrução cristã, o chamado “catecumenato social”.

As construções das Igrejas catedrais, cheias de beleza arquitetônica, favoreciam uma arte que “[...] era como que uma catequese permanente” (Lima, 2016, p. 34). Nesta sociedade, os pais tinham o papel de ensinar as orações do Pai Nosso, Ave Maria e professar o Credo, além de ensinar as práticas devocionais. As pregações dos padres eram fundamentadas nas Sagradas Escrituras e nos Santos Padres, como Gregório Magno, São Bonifácio, além do bispo Pedro Lombardo e Anselmo de Canterbury, os religiosos Duns Scotus e Bernardo de Claraval (Lima, 2016).

Na passagem para a Idade Moderna, novas mudanças surgirão de fato, “com a Idade Moderna, sobretudo com o movimento da Reforma, nasceu a era dos catecismos, um gênero literário que irá se afirmar como o grande instrumento da catequese pelos séculos seguintes” (Lima, 2016, p. 37). A ideia era sempre reafirmar os artigos de fé com o credo, como rezar e a instrução dos dez mandamentos, com inspiração bíblica. O Concílio de Trento (1545-1563) faz a reforma em resposta aos protestantes e publica em forma de catecismo, como um tratado de teologia ao clero, os principais pontos da doutrina católica. Temos que, “a partir da Reforma e Contrarreforma, nasceu a era dos catecismos, perdurando até as portas do Vaticano II” (Lima, 2016, p. 39); a Igreja retoma um papel educativo na transmissão da fé: “muitas ordens religiosas, nascidas nesse clima de reforma, tiveram influência na catequese neste período: capuchinhos, barnabitas, esculápios, mas sobretudo, os jesuítas” (Lima, 2016, p. 40).

Muitas dessas ordens religiosas evangelizaram o Brasil colonial, com a união entre a coroa portuguesa e a Igreja (Padroado), e fundaram as primeiras paróquias, fruto das missões realizadas principalmente pelos jesuítas e franciscanos. A missão dos jesuítas era clara: catequizar os indígenas com a implantação de uma catequese institucionalizada pelos portugueses; e “tanto nos colégios como na catequese indígena predominava a metodologia oral: uma memorização da doutrina mais mecânica e menos assimilada” (Lima, 2016, p. 42).

Pela Europa, com a influência do Iluminismo e do Jansenismo e com as reformas da Igreja, os bispos assumem a responsabilidade pela elaboração de instruções e catecismos com a contribuição de teólogos e religiosos para o ensino da catequese, com as novas estruturas da sociedade, o ensino se torna obrigatório como formação religiosa (Lima, 2016). A Igreja faz a catequese das crianças que não frequentavam a escola, mas um ponto negativo nessa formação escolar do ensino religioso é que se perde a experiência de fé na comunidade. “Portanto, a paróquia,

embora tenha ganhado do ponto de vista metodológico, perdeu do ponto de vista teológico, comunitário” (Lima, 2016, p. 48).

Na catequese no Brasil, com os bispos reformadores, as ideias de Trento são retomadas nos moldes de uma catequese doutrinal. Os bispos realizavam suas catequeses com as visitas pastorais, em resposta ao catecismo jansenista. Os catecismos tridentinos “foram traduzidos de edições europeias [...]. Foi a época dos catecismos da doutrina cristã ou catecismos teológicos” (Lima, 2016, p. 51).

Destacaram-se também as obras missionárias, os religiosos pregadores que, além dos textos catequéticos, difundiram pelo país os devocionais, novenários, terços, as piedades populares que se espalhavam, entre outras atividades que mantinham o povo firme na fé (Lima, 2016).

O caminho proposto pela IVC desenvolveu-se desde o séc. I ao séc. XIX, com profunda experiência de fé dos primeiros cristãos fundamentados nas fontes bíblicas, na tradição apostólica e no magistério. A organização do catecumenato primitivo apresentado por Hipólito de Roma, passando pela patrística, evidencia uma catequese que valoriza a transmissão da fé e a vivência comunitária.

Apesar do declínio do catecumenato e das transformações da sociedade que influenciaram diretamente na expansão do cristianismo, a catequese sofre mudanças significativas, a fé cristã passa a ser assumida naturalmente influenciada pelo ambiente social da cristandade, com o batismo como forma de inserção da sociedade, as crianças são catequizadas pelos pais e padrinhos. A catequese na Europa tem suas particularidades na preocupação de formação doutrinal com os catecismos em defesa da fé, deixa de ser litúrgica e mistagógica. Essas mudanças chegam ao Brasil substituindo o trabalho inicialmente realizado pelos jesuítas na formação dos povos originários (indígenas) dentro do período colonial, com o estado oferecendo educação e religião como método de ensino europeu no modelo de ensino pela memorização da doutrina e uma certa inculturação com a língua e cultura para facilitar a evangelização.

Deste modo, o objetivo deste capítulo foi apresentar um processo histórico fundamental para a compreensão da IVC, evoluindo do modelo de memorização doutrinal para um processo de vivência comunitária e do amadurecimento da fé cristã. Este paradigma na evangelização transforma a colonização no Brasil com a inserção de valores morais cristãos, que influencia diretamente na organização e constituição da sociedade.

2 INICIAÇÃO CRISTÃ NO CONTEXTO DO VATICANO II

Neste capítulo, veremos uma reflexão que leva em conta a IVC no contexto do Vaticano II, a qual repensa a evangelização a partir do Querigma, celebrado e testemunhado na comunidade eclesial. O movimento catequético contribuiu decisivamente nessa proposta de retomada da centralidade de Jesus Cristo na transmissão da fé. O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos propõe esse itinerário celebrativo, mistagógico, unindo a catequese com a Palavra de Deus e a liturgia. Os documentos pós-sinodais apresentam a catequese como dimensão constitutiva da ação evangelizadora na Igreja, e o instrumento que auxilia nessa compreensão é o Catecismo da Igreja Católica, na medida em que se torna síntese sistemática da fé. O Documento de Aparecida evidencia o papel da catequese na formação integral do cristão, relacionando a vida de fé e a missão na sociedade contemporânea.

2.1 O Movimento Catequético e a centralidade do Querigma na transmissão da fé

No século XX, temos a preocupação da Igreja com a renovação eclesial, focada na IVC, que prioriza a fé vivida no meio da comunidade, resgatando a catequese dogmática, sem tirar os olhos dos problemas atuais que enfrenta a Igreja. Falar em movimento compreende transformações, discussões que entrelaçam com outros temas. “Não foi um movimento isolado dos outros; pelo contrário, a renovação bíblica, teológica, patrística, litúrgica e ecumênica, assim como das ciências psicopedagógicas, favoreceu, e muito, a renovação catequética” (Lima, 2016, p. 54).

Com base em 1935, a renovação do processo catequético fez-se necessária em resposta ao reducionismo da fé com o intuito de recuperar o “Querigma”, apontando como centralidade a vivência de fé no mistério pascal. Se impõe uma reflexão teológica e pastoral, com uma catequese querigmática que passa pelas Sagradas Escrituras e liturgia sem abandonar a dimensão dogmática, que influencia como as pessoas vão mergulhar na vida de fé (Nery, 2019).

Na França, com a renovação da catequese, viu-se a necessidade de dar um passo de superação do conceito de catecumenato social, onde a família garantia as bases da fé por serem cristãos e as instituições ofereciam os sacramentos. Para o irmão Nery, comentando Joseph Colomb: “não bastava instruir com o catecismo. Era

essencial auxiliar os fiéis a caminharem rumo à maturidade na fé. Joseph optou fortemente pela síntese entre Palavra de Deus, teologia, liturgia e vida, com abertura ecumênica” (Nery, 2019).

Os adultos voltam a ser o foco da evangelização por meio do catecumenato, uma vez que se observa um cristianismo afastado da fé e, nesse caso, a IVC pode ser o instrumento de ligação com a proposta do itinerário mistagógico, no qual o anúncio de Jesus Cristo é apresentado e experienciado durante toda a etapa formativa na vida do catecúmeno. A formação doutrinal não está desassociada da inserção comunitária, envolvendo todos os agentes na comunidade na prática cristã do discipulado, em resposta aos desafios da evangelização e à luz do evangelho, propondo transformações sociais e culturais com uma metodologia capaz de envolver a todos em um espírito missionário na Igreja.

Todas essas discussões chegam às portas do Vaticano II (1962-1965), para o qual, o tema catequese, embora não tivesse sido aprofundado, já era anteriormente tratado pelo Papa Pio XI e se revestia de importância. A Igreja, então, compreendia que a catequese tinha estreita relação com a vida litúrgica e comunitária da Igreja. O Papa Pio XII, um grande defensor da doutrina, com a encíclica *Mediator Dei* (1947), destacou a importância de uma participação consciente dos fiéis na vida litúrgica da Igreja, no parágrafo 78: “Chama os fiéis a participarem ‘ativa e individualmente’, unindo-se ao sacrifício eucarístico para obter os frutos da Redenção”. O tema da eucaristia deve ser tratado na preparação dos catecúmenos, embora não tenha esse teor diretamente ligado à teologia da catequese, mas integra a catequese à liturgia assumida e celebrada a partir da doutrina e vida do povo cristão.

No contexto do concílio, a catequese permeava as discussões em torno da renovação da Igreja na área bíblica e litúrgica:

[...] os padres conciliares recomendaram, no Decreto *Christus Dominus*, de 1965, que, em breve tempo, se providenciasse um Diretório de formação catequética do povo cristão (CD 44), trabalhando com muita ênfase no Decreto *Ad Gentes*, acerca da adaptação e renovação do catecumenato, de modo especial nos países de pouca incidência cristã, denominados como países de missão. Mas todos os documentos do concílio foram e são essenciais na renovação da catequese, considerada primordial na missão da Igreja e que deve ser cristocêntrica, bíblica, litúrgica, eclesiológica, ecumênica e missionária (Nery, 2019, p. 163).

Posteriormente, fruto dessas discussões em torno da evangelização com o Papa Paulo VI, o pedido do decreto (CD) se concretiza com o Diretório Catequético Geral (DCG), elaborado pela Congregação para o Clero. Tal diretório foi uma

conquista para a renovação da catequese que encontrou muitos desafios e até hoje enfrenta muitos obstáculos na implantação por aqueles que não querem a renovação e o *aggiornamento* da Igreja solicitada pelo Papa João XXIII durante o Vaticano II.

2.2 Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA): um itinerário de formação cristã

O RICA é fruto de uma revisão dos livros litúrgicos proposta em 1964 no Vaticano II. Foi promulgado no Brasil em 1973, com tradução na língua vernácula autorizada para uso desde a sua publicação, visando aproximar a IVC com a celebração litúrgica, promovendo a interação entre liturgia e catequese, valorizando o sacramento do batismo de adultos.

Atualmente, o resgate do catecumenato cristão ocorre quando há o aumento do número de adultos que procuram os sacramentos da IVC. Para isso, nossas comunidades precisam ser preparadas para acolher essas pessoas que desejam ser cristãs com a seguinte pergunta: qual a motivação?

As pessoas que procuram o batismo não podem negligenciar as responsabilidades e obrigações ao receberem este sacramento, uma vez que para muitos isso torna-se uma mera formalidade, apenas em vista de cumprir protocolos ou tradições familiares, para posteriormente receberem os demais sacramentos, como a crisma, eucaristia e matrimônio, sem comprometimento das responsabilidades cristãs que eles exigem, com os deveres de professar a fé e participar da vida litúrgica da Igreja, tornando-se membro atuante na vida eclesial. Para isso, a Igreja precisa pensar no tempo mínimo de formação exigido aos fiéis, com breves encontros de transmissão de conteúdo e/ou uma inserção da pessoa na vida cristã com responsabilidade e obrigações pastorais.

Segundo as observações preliminares gerais do RICA, acerca dos catecúmenos “o batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, [...]” (RICA n.2). Com esta afirmação, observamos que o batismo requer conversão ao seguimento de Cristo através do processo de catecumenato. Na teologia joanina, vemos o sinal da presença do Senhor após receber o batismo: “e eu vi e dou testemunho de que ele é o Eleito de Deus” (Jo 1,34).

Vimos também que Pe. Thiago Faccini Paro, em sua obra “As celebrações do RICA, conhecer para bem celebrar”, traz a contribuição de Francisco Taborda SJ, o

qual, faz um resgate histórico a respeito dos evangelizadores europeus que aqui desembarcam em território latino-americano nos séculos XV e XVI. Valendo-se da visão dos colonizadores, que com o batismo todos eram legitimados a posse do império, e oferecia-se a salvação das almas aos que tornarem-se cristãos.

Esses evangelizadores, ao chegarem à Terra de Santa Cruz e encontrarem a população indígena, aplicam a ela o mesmo princípio. Urgia batizar a todos, quanto antes, para livrá-los da condenação eterna. Resultou assim que nossa terra foi batizada, 'sacramentada', sem ser evangelizada (Paro, 2024, p. 9).

Aqui temos uma atuação incompleta ou insuficiente na realização do sacramento: os indígenas recebiam o batismo, mas ainda não estavam inseridos no caminho de fé e conversão. Quanto ao modelo aplicado à evangelização dos indígenas, podemos dizer que houve uma imposição da fé, enquanto o paradigma do Vaticano II propõe uma adesão livre e consciente do catecúmeno no processo de evangelização.

Segundo a conduta do paradigma do Vaticano II, temos como instrumento o RICA, o qual, oferece um caminho livre e consciente aos catecúmenos que devem percorrer para a descoberta e encontro com Jesus, com o uso de orações e celebrações preparatórias para receber todos os sacramentos da IVC.

A iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis que, refletindo com os catecúmenos sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induzem pelo seu exemplo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo (RICA n. 4).

Existe uma íntima relação entre o fiel que aceita fazer esse caminho catecumenal e a liturgia do mistério pascal, tudo isso conduzido pela ação do Espírito Santo. As etapas do catecumenato devem ser compreendidas como uma escada, da qual o fiel deve ser conduzido passo a passo em direção à experiência com Cristo. No primeiro tempo, chamado de pré-catecumenato ou início da evangelização (em que ocorre o Querigma), o candidato ao catecumenato demonstra seu interesse em fazer parte dessa comunidade de fé. "A essa evangelização é dedicado todo o tempo do pré-catecumenato, para que se amadureça a vontade sincera de seguir o Cristo e pedir o batismo" (RICA n. 10).

Após essa preparação inicial, a próxima etapa é celebrada com os candidatos ao catecumenato acolhidos pela Igreja. Assim, eles já estão cientes da relação entre liturgia e catequese e sua importância para cada indivíduo. A constituição

Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada Liturgia reforça aos adultos: “[...] participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos na palavra de Deus” (SC, 48). Depois, aguardam estar preparados para participar da mesa da eucaristia, que será em momento oportuno. Isso será evidenciado na frequência do candidato às missas e o desejo de receber a eucaristia como um ato de fé pública do qual o candidato assume sua missão de cristão perante o povo.

O seguindo as etapas temos o catecumenato, período da formação, reflexão e aprofundamento da fé que a Igreja vivencia no dia a dia. Neste período, já são reconhecidos como catecúmenos, uma vez que já foram admitidos, e passam a ser acompanhados e auxiliados pelos seus introdutores na fé.

Para esse primeiro passo, requer-se que os candidatos já possuam os rudimentos da vida espiritual e os fundamentos da doutrina cristã, a saber: a fé inicial adquirida no tempo do pré-catecumenato, o princípio de conversão e o desejo de mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus em Cristo; já tenham, portanto, certa ideia da conversão, o costume de rezar e invocar a Deus, e alguma experiência da comunidade e do espírito dos cristãos (RICA n.15).

Toda a comunidade deve ser envolvida nesse processo de IVC, desde os sacerdotes como orientadores espirituais até os leigos inseridos na vida da Igreja. Os catecúmenos devem participar de celebrações, das quais recebem os símbolos da fé, a fim de assumirem de livre e espontânea vontade a vida cristã. Desde então, os catecúmenos são cercados pelo amor e a proteção da Mãe Igreja, como pertencendo aos seus filhos e unidos a ela, fazendo parte da família de Cristo: “são alimentados pela Igreja com a Palavra de Deus e incentivados por atos litúrgicos” (RICA n.18).

O tempo para essa formação cabe ao bispo, sacerdotes e diáconos, que em diálogo com os catequistas estabelecem normas e regras claras, para que a ação da graça de Deus possa agir na vida dos catecúmenos. Conforme as circunstâncias, temos as próprias orientações do RICA, e normas da Conferência dos Bispos que regem um conteúdo mínimo para essa formação da IVC.

A próxima etapa é a da purificação e iluminação que se refere a uma preparação mais próxima dos sacramentos que os catecúmenos irão receber, em caráter pedagógico. O ideal é que esse período seja realizado na quaresma, uma vez que a própria liturgia é oportuna para tais fases. Com a celebração da eleição, os catecúmenos são recebidos e reconhecidos idôneos para receber os sacramentos, os quais foram devidamente preparados no período do catecumenato.

Neste tempo, a intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador (RICA n. 25).

Os eleitos, após vivenciarem o tempo quaresmal de recolhimento e arrependimento dos pecados, são conduzidos a vivenciarem no Sábado Santo a sua passagem para a vida nova com Cristo.

Os sacramentos do batismo, da Confirmação e da Eucaristia constituem a última etapa. Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos e ainda, pelo sacrifício e refeição eucarística, antegozam do Reino de Deus (RICA n. 27).

Com isso, desejamos que os “agora neófitos” sejam pessoas de oração, de íntima relação com Jesus Cristo, pois são membros integrantes desta Igreja missionária e evangelizadora, dispendo-se a promover a fé e apontar o caminho da Salvação.

Para isso, a IVC requer participação na vida comunitária e discipulado, uma vez que sou cristão batizado e reconhecido por esta Igreja. O último tempo catecumenal compreende a mistagogia, na qual temos o aprofundamento agora do neófito nos mistérios recebidos nos sacramentos celebrados: batismo, confirmação e eucaristia.

A recente participação nos sacramentos, assim como favorece a compreensão das sagradas Escrituras, também aumenta o conhecimento dos homens e reflete na experiência comunitária, tornando mais fácil e proveitoso para os neófitos o relacionamento com os outros fiéis. Por esse motivo, o tempo da mistagogia é de grande importância para que os recém-batizados, com o auxílio dos padrinhos, entrem em relações mais estreitas com os fiéis e adquiram, assim, novo impulso e nova visão das coisas (RICA n. 39).

A relação entre o neófito e seus padrinhos deve ser muito valorizada. Espera-se que os padrinhos sejam pessoas de fé que aproximem os recém-batizados dos mistérios de Cristo, os quais, durante o período pascal, são chamados a um processo pedagógico sobre a eucaristia.

Um grande estudioso sobre a catequese de inspiração catecumenal, o Padre Antonio Francisco Lelo, nos diz:

Faz parte do itinerário mistagógico pôr em evidência a ligação dos mistérios celebrados no rito com a responsabilidade missionária dos fiéis; nesse sentido, o fruto maduro da mistagogia é a consciência de que a própria vida

vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados (Lelo, 2014, p. 60).

Desta forma, espera-se que o caminho catecumenal seja frutuoso ao proporcionar os sacramentos de IVC ao fiel, e com a mistagogia auxiliando na inserção ao mistério celebrado, valorizando um compromisso junto à comunidade, fazendo a conexão com que o neófito viva a partir da sua experiência de fé, aprofundando a conversão a Jesus Cristo ao celebrar os ritos em harmonia com o calendário litúrgico. Além disso, espera-se que o catecúmeno tenha em seu coração o desejo da oração no Espírito Santo, para a acolhida do Evangelho, de forma que, meditando agora consciente da sua missão, o leve ao caminho de Salvação pela vida da caridade no serviço ao próximo.

2.3 Os desdobramentos da catequese em documentos pós-sinodal

Após o Vaticano II, o Papa Paulo VI criou o Sínodo de Roma, com o espírito do exercício da colegialidade episcopal em torno das decisões do Sumo Pontífice. Os temas da evangelização davam o tom das discussões sobre como a Igreja realizaria sua missão com todos os seus agentes presbíteros, bispos, religiosos e leigos (Nery, 2019).

As discussões do movimento catequético, tão importante para o desenvolvimento catequético no Mundo, refletem no tema do “primeiro Sínodo de 1974, sobre a evangelização, do qual surgiu a Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* (EN), a Evangelização no mundo contemporâneo” (Nery, 2019, p. 170).

O tema catequese apareceu no segundo sínodo de 1977, “A catequese no tempo atual, especialmente para crianças e jovens”. Os adultos são importantes nesse processo catequético, “eles expressam essa verdade e convicção no item 8 da mensagem final, do sínodo: o catecumenato de adultos é o modelo e o paradigma de toda catequese” (Nery, 2019).

O Papa João Paulo II, em sua Exortação Apostólica Pós - Sinodal, *Catechesi Tradendae* (CT), “A catequese hoje”, de 1979, fala a respeito dos adultos:

É a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida. Efetivamente, a comunidade cristã, nunca poderá pôr em prática uma catequese permanente sem a participação

direta e experimentada dos adultos, quer sejam eles os destinatários, quer os promotores da atividade catequética (João Paulo II, CT, 43).

Um desafio da evangelização apresentada na exortação do Papa João Paulo II, no parágrafo 42, refere-se ao grande número de crianças e jovens nascidos em lares não cristãos, logo é preciso uma catequese contextualizada aos problemas da época. Por isso, posteriormente, no parágrafo 43, chama à responsabilidade dos adultos em viverem em suas vidas a mensagem do evangelho e assim ser exemplo na comunidade, na família e na sociedade. Após fazerem o encontro com o Senhor, darão apoio às crianças e jovens que desejam conhecer a Jesus.

Na exortação, o Papa João Paulo II reafirma a catequese como instrumento de evangelização que visa conduzir os fiéis à maturidade da fé por meio do mistério de Cristo. A IVC deve ser cristocêntrica:

Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade (CT, 43).

A Igreja tem a missão de assumir a “catequese como plano pastoral” (CT, 15), por meio do encontro do catecúmeno com a Palavra de Deus, levando a experiência do encontro na vivência litúrgica “a catequese conserva sempre uma referência aos Sacramentos; toda a catequese leva necessariamente aos Sacramentos da fé”. (CT, 23). Espera-se do catecúmeno ao final do processo mistagógico, sua ação evangélica, visto que “a catequese está igualmente aberta ao dinamismo missionário” (CT, 24).

Para auxiliar a Igreja nesse processo normativo de evangelização por meio da catequese na Igreja Católica, o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, criado pelo Papa Bento XVI, impulsiona a evangelização pelo mundo, com isso:

[...] tem a missão de vigiar sobre o relevante instrumento de evangelização que representa para a Igreja, tanto a Catequese como o ensinamento catequético nas suas diversas manifestações, de maneira a realizar uma ação pastoral mais orgânica e eficaz. (DC, 410)

Portanto, para o desenvolvimento metodológico catequético, a Igreja apresenta como fontes a Bíblia Sagrada e o Catecismo da Igreja Católica (CIGC), como garantias da unidade doutrinal da Igreja. O mais recente Diretório para a Catequese de 2020, apresenta que “os ensinamentos têm critérios normativos para a

constante renovação da catequese” (DC, apresentação, p. 15), oferecendo assim as diretrizes globais para a evangelização no mundo contemporâneo.

Com o objetivo de auxiliar a IVC para a realidade brasileira, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) estabelece as bases pastorais por meio de vários documentos, um deles é o Diretório Nacional de Catequese, documento 84, que cita “o objetivo geral é apresentar a natureza e finalidade da catequese, traçar os critérios de ação catequética, orientar, coordenar e estimular a atividade catequética nas diversas regiões” (DNC, 2005, 7).

O caminhar com a Igreja requer ações pastorais que respondam aos anseios das famílias em tempos contemporâneos nos quais estamos inseridos. Deste modo, o anseio de parte dessa sociedade vem aumentando a busca por Deus. Por isso, a Igreja vem desenvolvendo diretrizes pastorais com itinerários catequéticos, foco na IVC, “tudo isso revela o propósito de buscar novos caminhos pastorais e reconhecer que a inspiração catecumenal é uma exigência atual. Ela nos permitirá formar discípulos conscientes, atuantes e missionários” (CNBB, 2017, 7). Espera-se que os catecúmenos atuem com perseverança e abertura ao espírito, fazendo com que o processo catequético seja mais atuante e presente na vida das famílias, auxiliando na transformação dos sistemas de evangelização de forma gradual e contínua.

O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) é, um livro litúrgico pastoral que serve como referência para a renovação da catequese de inspiração catecumenal. O RICA propõe: “inspirações pelas celebrações, (para) assim organizar os diversos tempos da iniciação, procurando a adequada correspondência entre a Bíblia, catequese, liturgia e comunidade” (CNBB, 2017, 145). Desta maneira, o ritual litúrgico catequético, respeitando a cada tempo o intuito primordial, é o encontro com o Senhor pelas etapas sacramentais, respeitando a vivência celebrativa e comunhão de amor pelo Cristo no amadurecimento individual integrando a fé e vida celebrada.

Mediante um processo civilizatório e à complexidade do pluralismo religioso e dos não crentes, faz-se necessária uma abertura ao diálogo e acolhida do ser humano. O Papa Francisco deixou exemplo dessa abertura a todos, sem distinção, em um mundo globalizado: “é importante que a Igreja, que a todos e a cada um quer dar a beleza da fé, esteja ciente dessa complexidade e amadureça a respeito da realidade um olhar mais profundo e sábio” (DC, 2020, 321). A IVC torna-se espaço de encontro e diálogo entre as famílias crentes ou não, pela proposta da dignidade

humana e respeito à vida, o ideal é desenvolver um projeto de evangelização sem imposição.

O modelo catecumenal propõe-se a ensinar o cristão a viver em comunidade, aprofundando a fé, sendo testemunho aos demais e, para isso, é necessário organização com a constituição de uma comissão diocesana catequética, que produza um projeto pastoral.

O Projeto pode de fato ser elaborado levando em consideração as etapas de crescimento na fé: de fato, alguns dão os primeiros passos da busca por Deus; outros, embora praticando a fé, não estão suficientemente catequizados; outros, ainda, pedem para serem acompanhados em um aprofundamento da fé. (DC, 2020, 423)

O processo catecumenal deve ir muito mais além do ambiente religioso, se trata da formação uniforme que respeite cada indivíduo de modo personalizado, promovendo o amadurecimento da vida cristã. A catequese deve estar sensível às realidades pastorais a partir do local em que será aplicada, desta forma, o aspecto comunitário e familiar deve ser exemplo no testemunho na comunidade cristã de forma integral e comprometida com a vida um dos outros, não perdendo de vista que a IVC deve trabalhar com todas as idades.

O sistema metodológico na catequese de inspiração catecumenal tem por missão promover a unidade da Igreja em um projeto de evangelização, motivado pelos documentos da Igreja “é necessário assumirmos a caminhada de construção da IVC. Que ela seja um eixo unificador, uma bússola que direciona os esforços de toda a Igreja no Brasil [...]” (CNBB, 2017, 248).

Diante dessa dimensão pastoral, vale reforçarmos que a catequese não pode mais se prender aos livros com a memorização de conteúdos, deste modo, faz-se necessário a mudança pedagógica do encontro com a Palavra de Deus e as celebrações litúrgicas, sendo assim, “a catequese não tem um método único, mas está aberta a valorizar diferentes métodos, relacionando-se com a pedagogia e a didática, e permitindo-se guiar pelo evangelho necessário para reconhecer a verdade do ser humano” (DC, 2020, 195).

Entre os desafios da catequese de IVC, temos a comunidade que é o local de evangelização e missão, pois a fé não é para viver sozinha, a unidade se exerce no encontro, na troca de experiência, precisamos superar a religiosidade intimista, para isto:

O processo de IVC incide sobre a conversão da comunidade de comunidades missionárias. Ela poderá, assim, vivenciar na prática e de modo adaptado o processo da IVC, inspirado no itinerário catecumenal proposto pelo RICA, envolvendo ministros ordenados, consagrados e o laicato em um caminho de formação de discípulos missionários. (CNBB, 2017, 226)

Esse processo exige conversão pastoral com a participação e responsabilidade de toda a Igreja, formando todos os cristãos como discípulos e missionários. A IVC deve ser compreendida por uma experiência de fé, promovendo a evangelização missionária, de forma madura, responsável e mais ampla, com relação direta à eclesiologia de comunhão do Vaticano II, que são marcas essenciais da identidade cristã.

2.4 O Catecismo da Igreja Católica: uma síntese da fé cristã

O Catecismo da Igreja Católica, promulgado em 1992 pelo Papa João Paulo II, trata-se de um documento que apresenta de forma sistematizada as doutrinas da Igreja Católica. Na introdução da constituição *Fidei Depositum*, aponta-se uma direção: “o catecismo deve apresentar, com fidelidade e de modo orgânico, o ensinamento da Sagrada Escritura, da Tradição viva na Igreja e do Magistério autêntico, bem como a herança espiritual dos Padres [...]” (João Paulo II, 1992, Introdução).

A natureza do catecismo define-se como um texto de referência seguro e autêntico para o ensino da fé, fundamentado na Sagrada Escritura, na Tradição apostólica e no Magistério eclesial. Segundo o comentário teológico-pastoral, organizado por Rino Fisichella, o qual reúne importantes autores que dão luzes na interpretação do CIGC, vemos que “o conceito em si de catecismo implica que a fé possa ser recebida e aceita como um conjunto, e que a fé esteja presente e seja compreendida como um todo orgânico” (Schönborn, 2024, p. 39).

A missão do CIGC é a de levar a humanidade à educação na fé, tornando-se um importante instrumento de ensino, servindo como guia na elaboração de catequeses, unindo a experiência espiritual ao conhecimento teológico, fato retratado no catecismo: “o primeiro anúncio do Evangelho ou pregação missionária para suscitar a fé; busca das razões de crer; experiência de vida cristã; celebração dos sacramentos; integração na comunidade eclesial; testemunho apostólico e missionário” (CIGC, 6). Este instrumento é visto como fonte de revelação de Jesus

Cristo, e garantia de unidade e comunhão da Igreja, fundamentada na fé professada, celebrada, vivida e rezada.

O ClgC apresenta em sua estrutura uma divisão em quatro pilares: “a profissão de fé batismal, os sacramentos da fé, a vida de fé e a oração do crente” (ClgC, 13). Ao lermos os parágrafos 14 ao 17, compreendemos que a formação dos fiéis deve aproximar os catequizandos do Cristo e mostrar que todo o desenrolar da história de salvação dá-se por meio de Jesus, mestre e Senhor. Deste modo, este documento normativo apresenta as ações dos cristãos, no primeiro pilar, com a função de ser instrumento em defesa da fé, professada e experienciada; o segundo pilar é de responsabilidade da Igreja apresentar o Cristo ao administrar e comunicar a graça sacramental; no terceiro pilar, observamos as ações da humanidade do ponto de vista da dignidade humana e da moral cristã; por fim, o quarto pilar trata de aprofundar a oração do Pai-Nosso, como um caminho de espiritualidade interior do cristão.

O catecismo não se limita a um compêndio doutrinal, por fazer um aprofundamento teológico e pastoral, articulando a oração com a vida de fé, sendo instrumento de evangelização que pode ser atualizado ao contexto contemporâneo no qual a Igreja está inserida. De acordo com Carvajal Blanco, o ClgC estabelece uma profunda analogia entre as etapas da vida natural e o desenvolvimento da vida espiritual por meio dos sacramentos.

O ClgC põe em evidência que há uma correspondência entre os sacramentos e as fases da vida de um ser humano e que o evento de graça que se realizou durante a existência de Jesus vai acompanhando e configurando aqueles que durante sua vida receberam com fé os sacramentos que a Igreja celebra. (Carvajal Blanco, 2024, p. 317)

A economia sacramental estabelece uma relação entre Jesus e os discípulos, e a todos os cristãos, que são inseridos nesse processo de maturidade na fé, os sacramentos atuam na Igreja em sentido teológico como sinais sensíveis e eficazes da graça. A relação do ClgC n. 1210 com a IVC está presente no “primeiro capítulo apresentando os sacramentos da iniciação cristã, o batismo, a confirmação e a eucaristia, e o faz afirmando que a celebração deles estabelece os ‘fundamentos’ de qualquer vida cristã” (Carvajal Blanco, 2024, p. 318).

Em cada período da história, as terminologias do processo catequético auxiliaram para a compreensão a cada época e isso reflete na mudança de paradigma, assim a restauração do catecumenato deixa de ser apenas um ritual histórico para se tornar um modelo inspirador a toda evangelização.

Catecumenato, catecúmeno, catecumenal: têm origem na antiga instituição para os candidatos ao batismo e à inserção na Igreja. Hoje se fala de catecumenato e de catecumenal, seja em sentido próprio, a propósito de itinerários de preparação ao batismo, seja para indicar atividades catequéticas de cunho evangelizador. (ALBERICH, 2004, p. 96).

A iniciação cristã segue um caminho pedagógico missionário, a Igreja, como lugar de recepção dos sacramentos, trabalha para a promoção e valorização dos mesmos, por um caminho consciente de encontro com o mistério de Cristo, respeitando a pedagogia de cada tempo da história.

A IVC corresponde a um percurso atento de acolhida das famílias que devem ser inseridas na comunidade de fé e tornarem-se discípulos de Jesus, sendo formadas segundo orientações do CIGC, levando em consideração o contexto atual da Igreja.

Esta iniciação tem variado muito no decurso dos séculos e segundo as circunstâncias. Nos primeiros séculos da Igreja, a iniciação cristã conheceu grande desenvolvimento, com um longo período de catecumenato e uma série de ritos preparatórios que escalonavam liturgicamente o caminho da preparação catecumenal, desembocando na celebração dos sacramentos da iniciação cristã. (CIGC, 1230)

A renovação do processo catequético deve encaminhar os novos cristãos, após receberem os sacramentos, a tornarem-se membros da Igreja. Segundo Juan Carlos Carvajal Blanco, em seu comentário ao CIGC sobre os sacramentos, para se tornar cristão requer ação do espírito santo, que conduz a participar da Igreja como verdadeiros discípulos, conhecedores do anúncio da Palavra que deseja a salvação de todos, são mergulhados nas águas do batismo, renascem para uma vida nova com Cristo, na eucaristia e confirmados na fé, são impulsionados a participar da missão evangelizadora (Carvajal Blanco, 2024).

O itinerário catequético está ligado à vida litúrgica-sacramental, por meio do sacramento da eucaristia, que Jesus Cristo se faz presente na vida da humanidade. Com efeito, “a liturgia não esgota toda a acção da Igreja” (CIGC, 1072). O celebrar estabelece relação com Cristo por meio das orações, ao reforçar a doutrina cristocêntrica e trinitária que une a Igreja para viver a fé. “A liturgia deve ser precedida pela evangelização, pela fé e pela conversão, poderá então produzir seus frutos na vida dos fiéis; segundo o espírito [...]” (Carvajal Blanco, 2024, p. 318).

O estudo do CIGC como fonte de fé, logo no início, traz duas indicações, de que este instrumento precisa ser atualizado, uma vez que, “a tônica deste Catecismo incide sobre a exposição doutrinal [...] e aprofundar o conhecimento da fé” (CIGC, 23).

Ele “não se propõe a realizar as adaptações da exposição e dos métodos catequéticos, exigidas pelas diferenças de culturas, idades, maturidade espiritual, situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese se dirige” (ClgC, 24).

É missão dos catequistas encontrar no catecismo a essência da fé a ser transmitida, sem perder de vista a mensagem do evangelho e assim apresentar a identidade da Igreja Cristã, com conteúdo atualizado. O ClgC como ferramenta catequética, tem sua importância, ao longo da história. Desde a sua promulgação em 1992, tornou-se material de instrução, mas não o único, pensado para a nova evangelização da Igreja, pois a catequese não pode ser apenas de ensinamento doutrinal, uma vez que não mais atende às necessidades da Igreja na sociedade contemporânea.

Daí provêm pelo menos duas conclusões: o catecismo não pode ser considerado como meio indispensável de catequese, uma vez que houve lugares e tempos em que ele não existia. E, portanto, – e aqui temos a segunda conclusão – o papel dos catecismos deve ser sempre relativizado, na medida em que podem responder a exigências e condições muito diversas. (ALBERICH, 2004, p. 339).

De acordo com Emilio Alberich(2004), a compreensão do catecismo deve ser examinada valendo-se de sua funcionalidade, para assim extrair os ensinamentos da doutrina da fé, de modo a responder os questionamentos da catequese contemporânea. Deste modo, o catecismo não pode ser o único meio de transmissão da fé, por se tratar de um manual sistematizado como respostas a diferentes contextos da história.

Por isso, o ClgC deve estar a serviço da evangelização, adaptando a linguagem ao tempo presente, de forma que promova um diálogo com a realidade dos catequizandos, e não fiquem presos à fórmulas estáticas, sobre os conceitos doutrinários. Existem materiais que seguem as premissas de Alberich (2004), com a revitalização dos manuais, como por exemplo o instrumento Youcat Brasil (2011), traduzido a uma linguagem dinâmica e adaptada à juventude, como traz o próprio livro com as indicações de consulta, em forma de perguntas e respostas com indicações dos parágrafos do ClgC para aprofundamento. Temos o diretório para a catequese de 2020, que oferece fundamentação teórica para a elaboração de manuais de catequese, e incentiva a criação de ferramentas para cada modalidade de catequese que apresentem com testemunho vivo a mensagem de fé.

À medida que o catecismo tem esse caráter doutrinal sobre os fundamentos da fé, a IVC exige uma mudança na abordagem metodológica, deste modo, a catequese não pode estar desassociada da liturgia, e temos um elemento no itinerário mistagógico: a vida celebrativa comprometida com a missão cristã. Segundo Antonio Francisco Lelo, “a finalidade de toda a educação cristã é formar o fiel enquanto ‘homem novo’ para uma fé adulta, que o torne capaz de testemunhar no próprio ambiente a esperança cristã que anima” (Lelo, 2014, p. 60). Assim, a iniciação cristã cumpre seu papel de não apenas ensinar sobre o Cristo, mas de aprofundar o fiel a se tornar testemunha do evangelho por amor a esse Cristo, mudando assim a sua vida.

2.5 Documento de Aparecida: contribuições da catequese na formação de discípulos e missionários

A Igreja na América Latina e no Caribe, no período pós-Vaticano II, fez sua atualização solicitada pelo Papa São João XVIII, com suas conferências com as aplicações pastorais segundo as necessidades da Igreja. Na Conferência de Aparecida 2007, temos um documento conclusivo (DAp), no qual o tema catequese de IVC retorna com a importante missão de se tornar permanente, para uma melhor formação do povo de Deus e compreensão da ação pastoral, respondendo aos anseios do povo cristão. O convite a se tornarem discípulos e missionários tem como chave de leitura a linguagem catequética do “querigma”, sendo a pregação utilizada desde os apóstolos com o anúncio de um caminho de conversão que passava pela acolhida do evangelho propondo mudanças. Atualmente, os catequistas percorrem este caminho, levando os catequizandos à mistagogia como campo de missão.

No capítulo VI, do DAp, fala do caminho de formação dos discípulos missionários, e um dos subtítulos está a IVC, no qual a reflexão aponta um caminho de evangelização visto que há inúmeros cristãos batizados, mas infelizmente muitos não foram formados a assumirem o seu batismo. Essa deve ser a preocupação: “são muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial” (DAp, 2007, n. 286).

O DAp apresenta uma realidade que não foi descoberta em 2007, no ano da Conferência de Aparecida. Este documento foi estruturado na metodologia do ver,

julgar e agir. No segundo passo do julgar, observou-se como se dá a formação dos cristãos, vista a necessidade de uma catequese inculturada, logo o modelo que o Vaticano II propõe está no RICA, tendo como missão, fazer todos os cristãos encontrarem Jesus Cristo. Portanto, “isso constitui um grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes tem sido pobre ou fragmentada” (DAp, 2007, n. 287).

Um desafio da evangelização está em envolver toda a família na IVC, uma vez que os catecúmenos foram preparados para vivenciar o mistério pascal do sábado santo, e devem sentir o desejo de se encontrar com Jesus Cristo na semana seguinte. Os ambientes familiares esvaziados de símbolos cristãos colaboram para esse sentimento de ausência de sentido de suas vidas, por estarem afastadas do Senhor Deus.

Urge a necessidade de despertar o “amor a Jesus Cristo”, a IVC “desta forma, forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido da vida” (DAp, 2007, n. 291). Temos aqui características do discípulo:

Que ele tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador e plenamente de nossa humanidade, fonte de toda maturidade humana cristã; que tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão frequente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e fervoroso missionário (DAp, 2007, n. 292).

Espera-se do cristão a acolhida de Jesus Cristo, formar comunidade de seguidores dos mesmos valores na dignidade humana, ser uma pessoa que concilie a vida de fé nas práticas evangélicas cotidianas a partir da sua realidade e, por fim, exercite o espírito missionário do testemunho, tudo isso vivenciado na Igreja, sem perder de vista o compromisso com a sociedade.

No entanto, a IVC deve tornar-se permanente e contínua para amadurecer a fé. O documento valoriza o esforço de todos os que desejam ser catequistas, “no entanto, apesar da boa vontade, a formação teológica e pedagógica dos catequistas não costuma ser a desejável” (DAp, 2007, n. 296).

A pouca formação dos catequistas carece de uma pedagogia que atenda às necessidades da comunidade eclesial. O Diretório Geral de Catequese destaca que é fundamental a catequese de adultos. O DAp, valoriza a religiosidade popular e deseja uma catequese continuada, formando as futuras comunidades domésticas. A piedade

e espiritualidade mariana nos ensina: “trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira ‘educadora na fé’ que nos leva a nos assemelhar cada vez mais a Jesus Cristo, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes” (DAp, 2007, n. 300).

Enfim, outras pastorais devem ser envolvidas no processo catequético, pois, com o número sucessivo de famílias iniciadas na fé, se faz necessário uma catequese mais interessante em responder às necessidades das crianças e jovens de maneira continuada. “A família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã” (DAp, 2007, n. 302).

A catequese familiar em todo o Continente Latino-Americano e Caribenho deve ser incentivada e vivenciada por todos os batizados, cada um com sua riqueza cultural e de valores cristãos. Ninguém deve abandonar a leitura das escrituras e a oração individual, com o objetivo de construir relação de diálogo com o Senhor por meio de Jesus Cristo. Considerando isso, o primeiro passo está na reformulação das estruturas pastorais, fazendo com que a IVC seja assumida por todas as pastorais, garantindo uma metodologia eficaz no estilo catecumenal, que tem por prioridade a integração entre o anúncio, mistério da fé com a eucaristia e experiência mistagógica que incorpora o cristão à vida da Igreja.

3 VIVÊNCIA PRÁTICA DA FÉ CRISTÃ

Ao observarmos as práticas cristãs, fica evidente que precisamos retornar às fontes do cristianismo com um estudo das Sagradas Escrituras, Tradição dos Apóstolos que estiveram com Jesus Cristo e o Magistério com a missão de guardar a fé. Com isso, entende-se a necessidade de defender a doutrina e observar os ensinamentos que revelem o Cristo. No auxílio às dioceses e organismos que evangelizam por meio da catequese em todas as modalidades crianças, adolescentes, jovens e adultos, nos referenciamos nos estudos e documentos que a CNBB oferece sobre o tema IVC, assim aproximando a relação catequese e liturgia com compreensão da celebração do mistério pascal pela experiência de fé, conduzindo o catecúmeno à nova aliança na ação de graças, celebrada e vivida por todos, levando a serem testemunhas a outros leigos do caminho ao discipulado de Jesus Cristo. É, portanto, o aspecto da ação testemunhal do discipulado que será tratado neste capítulo.

3.1 Estudos das fontes do cristianismo

Vale destacar que, ao estudar as fontes, referimo-nos a analisar os fundamentos em torno de um objeto e assim aprofundar o seu entendimento e compreensão desde as suas origens, e por etapas adquirirmos conhecimento válido que possa ser confiável e evidências que garantam a sua credibilidade, formando um alicerce confiável.

A História da Igreja fundamenta-se nas Sagradas Escrituras com os relatos dos profetas, evangelistas, apóstolos e o testemunho das comunidades. Desde o Antigo Testamento, os anciãos têm a função de transmitir a fé por via oral e atribuímos a uma ação do Espírito Santo a preservação e garantia da fé por via da experiência com os profetas e, no Novo Testamento, com o próprio Jesus Cristo.

A carta encíclica *“Providentissimus Deus”*, do Papa Leão XIII, sobre os estudos das Sagradas Escrituras, auxilia na interpretação da Palavra de Deus, uma vez que se trata de Revelação Divina, muitas vezes incompreensível à razão humana, contém vivência de fé inspirada por Deus à humanidade.

Com efeito, todos os livros, na sua integridade, que a Igreja recebe como sagrados e canônicos em todas as suas partes, foram escritos sob a inspiração do Espírito Santo e, portanto, é impossível que a inspiração divina contenha algum erro [...] (Providentissimus Deus, 2019, p. 37).

Deste modo, as Sagradas Escrituras devem ser valorizadas pelos intérpretes sem esvaziar o verdadeiro sentido do testemunho que fortalece a fé, sem pôr em dúvida a sua veracidade como parte integrante da identidade do povo de Deus que caminhou rumo à salvação.

Na “*Dei Verbum*” valorizam-se os relatos dos Apóstolos que seguiram o mestre Jesus Cristo com a conservação da missão de guardar e comunicar a Palavra de Deus:

Os apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fiéis a que mantenham as tradições que aprenderam quer por palavra quer por escrito, e a que lutem pela fé, recebida uma vez para sempre. Ora, estas tradições, recebidas dos apóstolos, abrangem tudo quanto contribui para a santidade de vida do povo de Deus e para o aumento da fé; assim, a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela própria é e tudo quanto ela acredita. Esta Tradição, que se origina dos apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo (DV, 8).

Deste modo, tanto os relatos históricos dos Apóstolos quanto as Escrituras estão relacionadas entre si, formando a base de uma caminhada sólida para a experiência de fé. Essa constatação muito tem a contribuir efetivamente na IVC na condução dos catecúmenos e também aumentar a fé pela veneração às Sagradas Escrituras.

O capítulo II da “*Dei Verbum*” fala aos pastores que receberam dos apóstolos o *múnus* de anunciar o evangelho e que, assim, realizam a interpretação num autêntico magistério:

Confiado ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Este Magistério não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, ouve a palavra de Deus com amor [...] (DV, 10).

Forma-se aqui a tríplice base da fé católica com as Sagradas Escrituras, Tradição e Magistério, fontes às quais os catecúmenos devem ter acesso e são inspirados a meditar, estudar, contemplar e manter viva a chama do Espírito Santo. Assim, conduzindo a sua vida para o encontro com Jesus Cristo, a partir das coisas reveladas por Deus, a Igreja tem por fundamento guardar a fé e manter viva a esperança da salvação de todos.

Neste sentido, toda a Igreja deve zelar pelo bom estudo das fontes da fé cristã, objetivando a transmitir a fé com conteúdo e base bíblica sólida, na Revelação que apresenta o Querigma com o intuito de despertar a fé em Jesus Cristo e assim como seguidores do Cristo os catecúmenos devem ter claro a sua missão colocando em prática no mundo a experiência vivida no contato com a Tradição da Igreja e aplicação do seu Magistério com o papel de guiar os leigos ao encontro com Cristo.

Os catequistas não devem perder de vista que formam os catecúmenos para a missão *Ad gentes* (para os povos) e nesse processo estudam as fontes Sagradas Escrituras, Tradição e Magistério. Devem ficar claras as origens para a melhor aplicação que extrapola os limites das paredes da Igreja, deste modo, “o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo, seu mestre” (AG, 14).

Assim sendo, a IVC tem relação direta com a nova evangelização proposta pela Igreja, e quando falamos de iniciação, pressupõe-se uma continuidade posterior ofertada pela comunidade eclesial. E isso dá-se com o auxílio do catequista que deve ter essa capacidade de assimilar todo o conhecimento teórico com maturidade cristã e desenvolvimento pedagógico capaz de conduzir os catequizandos, formando uma comunidade de fiéis a fazer experiência de fé em Jesus Cristo, o nosso Salvador.

3.2 Os fundamentos e ações da catequese conforme os documentos da CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem uma comissão específica para as atividades de animação, acompanhamento e orientação para o desenvolvimento da catequese no Brasil. Esta Comissão Episcopal para Animação Bíblico-Catequética, tem vários materiais que auxiliam no conhecimento e desenvolvimento da IVC de inspiração catecumenal. Neste ponto, abordaremos alguns destes estudos da CNBB, documentos, diretório de catequese e comentaremos alguns aspectos de como o Brasil desenvolve a missão da catequese no processo de evangelização, inserindo as famílias e formando discípulos missionários.

3.2.1 Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã

Abordemos alguns frutos do estudo 80 da CNBB, com o tema: com adultos, catequese adulta. Deste modo, chama-se a responsabilidade de toda a Igreja voltar as suas forças na evangelização dos adultos, visto como forças vitais da comunidade de fé. A catequese com adultos pode ser lugar de amadurecimento da fé e fortalecimento na vida cristã conscientemente, tornando-os protagonistas da missão. Além de tratar da reflexão do terceiro seminário sobre o itinerário da fé do adulto, proposta feita pela comissão bíblico-catequética da CNBB, o documento estudos da CNBB n.82, “O Itinerário da fé na iniciação cristã de adultos”, reúne textos, depoimentos e análises sobre a formação cristã de adultos. O documento contou com as contribuições dos catequistas, que participaram deste seminário, voltado a oferecer subsídios para a orientação e formação dos adultos, para se tornarem discípulos missionários do Cristo.

Um dos desafios da catequese está em superar as deficiências de formação dos catequistas que, com pouca formação teológica, realizam o trabalho de evangelização de diversos modos. O catecumenato é um método em vista de uma catequese continuada, despertando assim a consciência dos leigos, aproximando-os do conhecimento de Jesus Cristo, contribuindo deste modo, mais ativamente, na vida da Igreja. O estudo 80 da CNBB, trabalha o leigo como o agente que necessita de catequese sólida para agir na sociedade segundo os princípios cristãos, assim como está definido no Concílio Vaticano II, que o mesmo deve “buscar o Reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus” (LG, 31).

Mas para alcançarmos êxito na missão de iniciar os adultos na fé, precisamos convocar os agentes dessa missão, e cada um, ao seu modo e serviço oferecido à comunidade, contribui diretamente com a evangelização. A IVC não é papel somente do catequista, mas também de alguns agentes importantes para a evangelização com inspiração catecumenal.

Desta maneira, destaco a comunidade eclesial que, desde o início da história do Cristianismo, vemos a formação de um grupo com Jesus Cristo (Mt 10,2-4), o chamado dos doze apóstolos, que acolhe o convite, sente o apoio do mestre, e com a caminhada vai ganhando forma e forças para enfrentar os desafios que estão por vir. Esse acolhimento deve existir nas comunidades com os adultos que ali procuram fazer experiência de fé. “Sem comunidade, é impossível viver estes aspectos, ter

verdadeira identidade cristã. A comunidade favorece a integração da Igreja local na dimensão universal da Igreja” (CNBB, 2001a, p. 111).

Os catequistas são o elo entre os catecúmenos e a experiência do encontro com Jesus Cristo por meio de seu testemunho e na transmissão da Palavra e do conteúdo doutrinal. “Em comunhão com o grupo e a comunidade, a presença significativa de cada catequista em particular é preciosa na caminhada de fé do catequizando adulto que ele acompanha mais de perto” (CNBB, 2001a, p. 111).

Os presbíteros, no serviço “pelo sacramento da Ordem, são educadores na fé” (CNBB, 2001a, p. 111). Aos presbíteros são conferidos os poderes de ensinar, santificar e governar. Deste modo, cabe a eles serem acolhedores dos adultos que manifestam o desejo de se tornarem cristãos, através do ensino das escrituras nas homilias, ao conferir os sacramentos, santificar os fiéis e orientar e instruir o seu povo no governo da Igreja, a qual lhe foi confiado aquele povo, o seu rebanho.

A importância dos religiosos e religiosas, assim “a Igreja convoca, de modo particular, as pessoas de vida consagrada à atividade catequética, e deseja que as comunidades religiosas consagrem o máximo de suas capacidades e de suas possibilidades à catequese” (CNBB, 2001a, p. 112). O testemunho dos religiosos é sinal de inspiração, aos adultos pela vida doada com radicalidade ao evangelho, e exemplo nas experiências de oração, que fortalecem a vida da Igreja.

Por fim, não menos importantes, os bispos, eles são os primeiros catequistas e motivadores a uma formação contínua na Igreja, garantindo a unidade da fé e salvaguardando a doutrina ensinada pelos seus catequistas. Não fazem esse trabalho sozinhos e devem ter uma equipe diocesana que os ajude a pensar nas estratégias de ação catequética naquela Igreja particular. Com isso, na missão dos bispos está o “dever de suscitar e alimentar em vossas Igrejas uma verdadeira paixão pela catequese, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz” (CNBB, 2001a, p. 114).

No estudo 82, a CNBB faz uma reflexão sobre os iniciados na fé por meio do recebimento dos sacramentos, mas que ainda não estão evangelizados a ponto de tornarem-se discípulos. A catequese é primordial e precisa alcançar seu objetivo, assim como nos diz Vitor Codina: “ao afirmar que a pastoral de iniciação é a mais importante na América Latina, porque simplesmente a maioria dos fiéis não estão iniciados e a iniciação é fundamental para o seguimento de Jesus” (CNBB, 2001b, p. 126).

A expressão “iniciação”, repetida várias vezes, deve chamar a atenção, com um caráter pedagógico e intuitivo, com os esforços de toda a Igreja na acolhida dos homens e mulheres de fé, que desejam se encontrar com Jesus Cristo, com isso ganha destaque a formação catequética. Antes de se tornarem verdadeiros cristãos, redescobrem sua missão de leigos engajados no contato com as Sagradas Escrituras, fugindo do modelo criticado pela Igreja do pós-Vaticano II, reprovam a busca pelo “sacramentalismo” vazio que não agrega valores e princípios evangélicos.

A IVC faz parte da metodologia de mudança, dado que “é urgente caminharmos para uma síntese que envolva *kerigma* (anúncio), liturgia, *diakonia* (serviço), *koinonia* (comunhão, comunidade), *martyria* (testemunho). Assumindo a iniciação como processo e não apenas preparação sacramental” (CNBB, 2001b, p. 126).

Um desafio para a IVC é o de conciliar a teologia, com seu instrumental teórico, ao trabalho pastoral da catequese, que atinge a base da sociedade que procura os sacramentos, por motivos dos mais variados e, distante da real intenção do conhecimento e experiência com Jesus Cristo, mais do que transmitir conceitos, precisamos auxiliar o fiel a converter-se e deixar-se conduzir como um verdadeiro discípulo.

A metodologia utilizada é de extrema importância, mas infelizmente, pela pouca instrução dos nossos agentes de catequese, o trabalho fica fragmentado, distante da real intenção de formação das crianças e jovens, sendo adultos conscientes da sua missão na Igreja e na sociedade.

Therezinha Motta Lima da Cruz faz uma apresentação da realidade pastoral da catequese, a qual, “a escolha da metodologia e do conteúdo da catequese com adultos decorre do tipo de adulto e de Igreja que queremos, fica condicionada pelo tipo de Igreja e de adulto que de fato temos, mas também é capaz de transformar as pessoas e a instituição em certa medida” (CNBB, 2001b, p. 169).

No decorrer da sua colocação, Therezinha aponta o problema da “inércia pastoral”, costume e prática que não dão mais resultados, onde os agentes envolvidos não têm mais forças para buscar alternativas e revisar processos de formação que atinjam as pessoas e os motivem. Os catequistas devem ser criativos e estar abertos ao analisar a realidade das práticas pastorais para verificarem se realmente estão atingindo os objetivos do tempo presente.

A metodologia empregada é importante, mas nada substitui a experiência e vivência na comunidade eclesial dos catequistas que se preparam e buscam cada vez mais se aprofundar nos conteúdos que transmitem em seus encontros formativos de IVC. No entanto, Therezinha reflete que os livros temáticos apresentam uma pedagogia que funciona como guia que orienta os catequistas e catequizandos, mas é válido reforçar que “permanece a necessidade de inserção na comunidade eclesial; não basta saber, é preciso participar, celebrar, sentir-se Igreja. O estudo em grupos, ligados à comunidade maior, favorece a integração” (CNBB, 2001b, p. 177).

Deste modo, a relação apresentada entre estes dois estudos da CNBB reside na preocupação da Igreja com uma catequese adulta e, para isso, oferece o itinerário de inspiração catecumenal como um meio eficaz para a transformação de paradigma no processo catecumenal. Sair de uma catequese exclusivamente sacramental para uma evangelização mais consciente e madura a partir da fé, nutrida e aprofundada, com o objetivo de formar discípulos missionários de Jesus Cristo. Isso é possível, mas requer abertura e comprometimento de todos os envolvidos, fazendo esses instrumentos chegar à base da comunidade para a formação da cultura da evangelização de adultos.

3.2.2 A evangelização dos adultos e os desafios na vivência da fé

Os fundamentos teológicos da evangelização vistos até aqui apontam em direção à IVC com centralidade no Querigma e no encontro pessoal de experiência com Jesus Cristo. Para realizar essa missão, faz-se necessário a aproximação da Igreja com os leigos para o enfrentamento dos desafios da sociedade contemporânea, considerando a história de vida de cada ser humano, bem como uma eclesiologia de comunhão e serviço ao próximo. Assim, Dom Francisco Javier Hernandez Arnedo, em 2002, no estudo 84 da CNBB, falou da busca de um modelo de inspiração catecumenal, e entre os objetivos estão em conhecer a situação sociocultural e religiosa dos adultos, para que, através da espiritualidade e textos bíblicos, alcancem os adultos do nosso tempo (CNBB, 2002).

O Estudo 84 da CNBB, resultado da Segunda Semana Brasileira de Catequese, nos dá diretrizes a respeito da importância da catequese com adultos como paradigma e modelo referencial, no processo de evangelização da Igreja no Brasil. Tratarei alguns dados abordados nesse instrumento de consulta, o qual propõe

um diálogo com o adulto com intuito final de promover o compromisso cristão e sua mudança interior na atuação na sociedade. Ao considerar nacionalmente a situação da catequese com adultos, evidenciam-se alguns elementos importantes, com isso “a pesquisa sobre catequese com adultos aconteceu no primeiro semestre de 2001 em virtude da mobilização nacional em torno da 2ª Semana Brasileira de Catequese (2ª SBC)” (CNBB, 2002, p. 49).

A este respeito, vale refletirmos sobre a compreensão de catequese de adulto abordada no estudo 84 da CNBB, que é ampla uma vez que corresponde a toda e qualquer iniciativa de orientação e instrução oferecida aos adultos, como a catequese de inspiração catecumenal, cursos preparatórios para o sacramento do batismo aos pais das crianças, curso de noivos, escola da fé, e o encontro de casais, entre outras iniciativas que se referem especificamente aos adultos. Imprescindíveis na evangelização, mas devem ter critérios claros para sua realização.

O próprio estudo 84, da CNBB, é um aspecto de atenção, dado que “é preciso ainda distinguir catequese de iniciação, formação permanente, catequese ocasional” (CNBB, 2002, p. 56-57). Destaco cinco pontos relevantes apresentados no estudo 84, apresentado pelos agentes da catequese com adultos.

Partindo da prioridade sobre a catequese com adultos, que aponta para a urgência de caminharmos para uma catequese de iniciação com adultos, como prioridade efetiva a ser levada com firmeza na comunidade (CNBB, 2002). Considero aqui o centro da missão evangelizadora da Igreja que deseja mudanças e espera por avanços significativos, superarmos os modelos de escolarização de instrução da fé, para uma experiência mais comunitária e participativa.

Um olhar à realidade com o crescente número de adultos não batizados, e de adultos batizados que não fizeram primeira comunhão nem crisma, e de adultos que passaram pelos sacramentos de iniciação, mas sentem que precisam ser reiniciados na fé (CNBB, 2002). Na atualidade, o número de adultos procurando os sacramentos nas nossas paróquias vem crescendo, exigindo da Igreja a preparação dos catequistas para atender essa demanda de pessoas que buscam na fé um caminho para suas vidas. Exige atenção aos que receberam os sacramentos e não estão iniciados na vida cristã.

Levando-se em conta as novas exigências da evangelização com os adultos presentes na Igreja, necessita-se de respostas diversificadas que integrem um processo de iniciação e formação permanente, que possibilite uma adesão consciente

e coerente ao Senhor, à sua Igreja e à Missão na sociedade (CNBB, 2002). Portanto, com as novas exigências pastorais, a evangelização de adultos demanda conteúdos diversificados e coerentes com os desafios da sociedade, aproximando a Igreja do ser humano, a práxis cristã.

O papel da comunidade eclesial e a catequese com adultos supõem a existência de uma Igreja que acolha os adultos, alimente sua fé e os acompanhe na caminhada rumo à maturidade humana e cristã (CNBB, 2002). A IVC contempla esse passo na catequese de inspiração catecumenal na etapa da mistagogia, a vivência em comunidade deve preparar o cristão a compreender que não podemos viver isolados do mundo e trabalhar a compreensão de que a missão vai muito além do templo. Espera-se desse cristão ações de justiça e caridade.

Ao passo que na Igreja, precisamos ser ousados e sonhar grande. Isso só vai acontecer quando tivermos o poder de forjar cristãos adultos amadurecidos na fé, conscientes de suas responsabilidades como membros dessa Igreja (CNBB, 2002). Após a formação da consciência cristã dos adultos, os mesmos são convocados a darem sua resposta com responsabilidades assumidas com a recepção dos sacramentos, a se tornarem sujeitos ativos na vida eclesial. A 'ousadia' pode ser compreendida na ação criativa que o Espírito Santo impulsiona a cada um a exercer a sua vocação, se colocando a serviço do próximo.

Com a intenção de alcançar estas perspectivas no processo formativo com foco na catequese com adultos, as comunidades precisam estar preparadas a acolher e acompanhar os adultos durante todo o percurso de maturidade da fé, o qual passa do conjunto de regras e normas à experiência com Jesus Cristo ressuscitado, tornando-se responsáveis pela missão evangelizadora na Igreja e na sociedade em resposta aos desafios atuais. Espera-se dos cristãos, por meio do diálogo e testemunho cristão, relacionar-se com a mudança cultural segundo o tempo e a pluralidade de religiões e modos de vida da atualidade.

Os documentos conciliares do Vaticano II, a *Dignitatis Humanae*, que fala do direito da liberdade religiosa, e a *Nostra Aetate*, da promoção do diálogo inter-religioso. São instrumentos de consulta e estudo para os catequistas se prepararem melhor para superar o desafio da evangelização dos adultos em meio à pluralidade religiosa, reforçando, o que trata a constituição *Gaudium et Spes*, do compromisso cristão em sermos presença no mundo.

Temos um Deus que fala a toda a humanidade, uma vez que seu desígnio é de que todos sejam salvos por sua mensagem evangélica cristã, então para esta sociedade e Igreja o diálogo deve ser valorizado e praticado. Isto não deve ser encarado como um obstáculo, haja visto que “o fato do pluralismo religioso não é novidade para nós, neste início de século, mas o grande e atual desafio teológico consiste em compreender o significado deste pluralismo no desígnio de Deus para a humanidade” (CNBB, 2002, p. 137).

Uma das formas para alcançarmos os avanços necessários na renovação catequética promovida pela Igreja é a proposta do estudo 84, da CNBB, com a colaboração do Pe. Luiz Alvez de Lima, ao apresentar a inspiração catecumenal de forma que o “itinerário favoreça a formação orgânica, sistemática e básica da fé cristã” (CNBB, 2002, p. 347). Com isto, o processo catequético forma uma base sólida, preparando os adultos a dominar as experiências com o Evangelho e uma relação mais tranquila com as questões doutrinárias de fé, que dão suporte no cotidiano de modo mais eficaz. Vale pontuarmos que:

[...] os conteúdos da iniciação cristã não são afirmações vãs ou ideias para ilustrar o pensamento, ou ainda simples normas de conduta. São realidades, acontecimentos do amor de Deus em Jesus pelo Espírito na Igreja, e como tais devem ser experimentadas nos símbolos da fé, nos ritos sacramentais, no testemunho de vida dos santos, na herança espiritual, nas obras de caridade, na vida da comunidade. (CNBB, 2002, p. 347)

Diante do desafio de construirmos uma catequese gradual e dinâmica que esteja atenta a todos estes elementos levantados pelo Pe. Luiz Alvez de Lima, os adultos devem ser provocados a fazer esse caminho proposto pela inspiração catecumenal. Portanto, adultos iniciados na fé cristã com abertura ao Evangelho e aceitação de seguimento da proposta de Jesus Cristo, teríamos as mudanças necessárias no agir social, assumindo verdadeiramente o protagonismo na evangelização.

3.2.3 Orientações conforme o *Diretório para a Catequese 2ª edição — Doc. da Igreja* 61

Este documento é fruto de uma caminhada catequética da Igreja que inicia com o *Diretório Catequético Geral* de São Paulo VI, de 1971. Em comemoração ao trigésimo aniversário do Vaticano II, São João Paulo II publicou o *Catecismo da Igreja Católica*, e por fim, o *Diretório Geral para a Catequese* de 1997.

O vasto e diversificado mundo da catequese encontrou mais impulso positivo para dar vida a novos estudos que permitissem uma melhor compreensão da existência pedagógica e formativa da catequese, sobretudo à luz de uma renovada interpretação do catecumenato (DC, p. 15-16).

O primeiro capítulo deste documento trata da revelação de Deus e a transmissão da fé pela acolhida do anúncio de Jesus Cristo, o nosso salvador, que assim suscitou nos apóstolos e agora suscita na Igreja missionários continuadores na missão evangelizadora no mundo contemporâneo.

No segundo capítulo, em primeiro plano, temos a natureza da catequese. “É um ato de natureza eclesial, que nasce do mandato missionário do Senhor (Mt 28,19-20) e que é orientado, como seu nome indica, a fazer ressoar continuamente o anúncio de sua Páscoa no coração de cada pessoa, para que sua vida seja transformada” (DC, n.55).

No processo de evangelização dos adultos, pressupõe-se que os mesmos já estejam iniciados na fé, como prevê os ritos de acolhida na Igreja para a caminhada da catequese de inspiração catecumenal, embora saibamos que nem sempre isso foi feito adequadamente. O Papa Francisco na (EG, n.165) destacava a importância do Querigma, “o anúncio não pode mais ser considerado simplesmente a primeira etapa da fé, prévia à catequese, mas sim dimensão constitutiva de cada momento da catequese” (DC, n.57).

O resgate do catecumenato no Vaticano II, deseja unir a ação sacramental ao agir missionário do cristão. “Tem, portanto, uma explícita intenção missionária e se estrutura como um complexo orgânico e gradual para iniciar à fé e à vida cristã” (DC n.61). Vale reforçar a ação da graça batismal ofertada pela Igreja aos adultos na fé, que agora são inseridos na vida desta comunidade de fé para vivenciar os frutos e mergulhar nos ritos posteriores da confirmação e eucaristia.

O termo inspiração catecumenal no diretório para a Catequese no n.64, pressupõe uma catequese de adulto com o ‘dinamismo do catecumenato’ que integre a escuta da Palavra, a vida comunitária e a celebração litúrgica. Ao celebrar o mistério pascal como ápice da vida cristã, é renovar as esperanças do fiel que encontra em Jesus Cristo a sua salvação, assim como está no item a:

O caráter pascal: no catecumenato, tudo é orientado para o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo. A catequese comunica, de forma essencial e existencialmente compreensível, o coração da fé, colocando cada um em relação com o Ressuscitado, ajudando-o a reler e viver os momentos mais intensos da própria vida como passagens pascais (DC, n.64).

Temos a síntese da fé cristã, o catecúmeno é guiado pela Igreja a celebrar a eucaristia, como essa atualização da graça da salvação dada por Jesus Cristo, por meio da sua Ressurreição. Por isso, a importância da catequese de inspiração catecumenal que insere de modo gradual e contínuo, propondo garantir a maturidade da fé do indivíduo ao crescer e vivenciar de maneira concreta o que se celebra na comunidade e no cotidiano de sua vida, seja em qualquer ambiente que esteja inserido na sociedade.

3.2.4 Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários — Doc. da CNBB 107

A IVC está presente nas discussões da Igreja no Brasil ao longo dos últimos anos, e o documento 107, da CNBB de 2017, convida a Igreja a estar de portas abertas ao convite feito a todo cristão de tornarem-se discípulos missionários de Jesus Cristo, e para isso um itinerário propõe um caminho estratégico, superando o modelo doutrinal para uma catequese de pedagogia mistagógica. Deste modo, aprofunda as diretrizes definidas com a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribe, em 2007, o Documento de Aparecida – (DAp), reflete o sentimento do discípulo que uma vez evangelizado pela IVC, no aprofundamento da experiência com Jesus, “neste encontro com Cristo, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho” (DAp, 2007, n. 28).

Temos com a IVC um novo caminho de evangelização, que passa por pensar a linguagem, os métodos e o conteúdo. Estes são alguns itens para a busca da melhoria na qualidade da catequese de inspiração catecumenal no retorno às fontes que defende a Igreja. “Sabemos que o processo de IVC requer novas disposições pastorais. São necessárias perseverança, docilidade à voz do Espírito, sensibilidade aos sinais dos tempos, escolhas corajosas e paciência, pois se trata de um novo paradigma” (CNBB, 2017, n.9).

É uma nova forma de evangelizar com os problemas da modernidade que tem outras perguntas diferentes daquele período dos primeiros séculos, em que os adultos eram conduzidos naturalmente ao cristianismo, mas que precisa estar fundamentado nas Sagradas Escrituras, portanto, o contato com os relatos da vida de Jesus Cristo se faz necessário e fundamental, uma vez que não podemos seguir a quem não

conhecemos. A IVC deve envolver o adulto não só apresentando os conceitos doutrinários, mas sim levá-lo a realizar uma profunda experiência, dando o verdadeiro sentido às suas experiências cristãs, com valores cristãos.

Para que a IVC aconteça, não basta seguir o passo a passo das etapas do processo catecumenal sem que os adultos estejam envolvidos e se sintam protagonistas da evangelização, os catecúmenos devem estar conscientes da responsabilidade cristã, que não se limita à recepção dos sacramentos. Ou, como disse o Papa Bento XVI em Aparecida 2007, em que a fé nasce de uma premissa: “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp, 2007, n.12).

O processo de conversão à vida cristã, requer uma comunidade preparada para acolher estes novos cristãos, mais conscientes da sua fé e mais responsáveis com a vida um dos outros. “O processo catecumenal cria gradual e progressiva revisão das atitudes, escolhas e comportamentos, convocando a uma efetiva conversão da própria vida. O discípulo de Jesus responde de maneira concreta ao chamado, recebido pela graça de Deus” (CNBB, 2017, n.56).

O convite a ser discípulos missionários de Jesus Cristo é feito a todo batizado que assume com responsabilidade a vivência da IVC e está preparado para fazer parte de um novo esforço na evangelização de toda a Igreja. É urgente fazer uma autocrítica e seguir novos caminhos, necessários para dar as respostas à contemporaneidade com o Cristo que caminha com seu povo na atualidade, não se deixando apagar a luz da esperança de dias melhores em uma sociedade mais justa e fraterna. Como aprendemos com o saudoso “Papa Francisco”, que com sua humanidade incrível acolheu a todos sem distinção, com humildade e simplicidade, mostrou a necessidade de acolhida de todos para o bem comum e assim apresentar os frutos do Reino de Deus.

3.3 A importância da liturgia e mistagogia na IVC

A relação entre liturgia e mistagogia não pode ser vista apenas como uma ação ritual, a vida celebrativa do povo passa pela experiência de fé, com o auxílio de textos bíblicos. Uma vez meditados, levam a todos que participam da liturgia a uma

profunda catequese formativa aos agentes promotores da Palavra e consequentemente comprometidos com a evangelização.

Para viver plenamente a ação litúrgica e vivenciar a surpresa com o mistério, é necessária a formação mistagógica do povo de Deus. Essa formação é fundamental não apenas para os membros da pastoral litúrgica e da catequese, mas para toda a comunidade celebrante (Marques, 2024, p. 80).

Para melhor celebrar o mistério pascal, todos os agentes envolvidos devem conectar-se ao plano divino e espiritual da graça sacramental recebida por quem celebra a nova e eterna aliança. A Páscoa é a passagem de Jesus Cristo que se encarnou, morreu e ressuscitou, deste modo, com sua entrega, renova o compromisso de Deus a oferecer uma paz duradoura a todos os irmãos comprometidos com um mundo de justiça, fraternidade, amor e paz.

Na vivência litúrgica dos ritos da IVC temos os quatro tempos celebrativos: pré-catecumenato, catecumenato, iluminação ou purificação e, por último, a mistagogia, auxiliando na formação de discípulos missionários para a comunidade de fé. “O termo ‘mistagogia’ deriva da língua grega, e pode ser traduzido como: a ação de guiar, conduzir, para dentro do mistério, ou ainda, ação pela qual o mistério nos conduz” (Marques, 2024, p. 81).

Esse tempo era destinado aos neófitos que, durante a Páscoa, eram evangelizados sobre os ritos e símbolos que eles vivenciavam no Sábado Santo, uma vez que era o primeiro contato com o ritual eucarístico cheio de simbologias e gestos. Tendo recebido os sacramentos do batismo e crisma, poderiam participar da eucaristia haviam duas motivações:

O primeiro é de cunho pedagógico, pois, para compreender o sentido teológico e litúrgico dos ritos sacramentais, era preciso vivenciá-los e experimentá-los antes de serem explicados. A segunda razão, por medo de que pagãos pudessem não compreender as ações rituais e simbólicas, fazendo uma má interpretação por não serem iniciados, ligando-as aos cultos pagãos (Marques, 2024, p. 83).

A história, ao longo dos anos, esvaziou-se de toda essa simbologia em torno dos sacramentos, a liturgia não é uma ação de espetáculo, mas de suscitar experiência de vida comunitária que vive e celebra sua fé. No primeiro momento, há uma valorização dos ritos que, a partir da liturgia, auxiliavam na evangelização do neófito, no que diz respeito aos compromissos cristãos assumidos ao receber os sacramentos. Posteriormente, agora como cristão, é sinal de vida nova aos demais membros da comunidade cristã. Mas com o rompimento da liturgia e catequese, torna-

se apenas em ritos transmitidos como forma de conhecimento, mas não cria maturidade de fé.

Os espaços celebrativos auxiliam na contextualização da relação entre catequese e liturgia, os quais devem ser explorados nos encontros formativos, privilegiando a oração, colocando os catecúmenos em contato com o espaço sagrado para sentirem-se acolhidos no ambiente religioso. “É preciso iniciar crianças, jovens e adultos na ritualidade, nos gestos simbólicos e em sua linguagem, ajudando-os a compreendê-los e a realiza-los, a entrarem em sua dinâmica” (Paro, 2025, p. 64).

O tempo litúrgico deve auxiliar a mudar a mentalidade do catequista e da comunidade ao apresentar a catequese inserida na linguagem e símbolos litúrgicos próprios de cada tempo. Como exemplo, a coroa do advento, na preparação para a chegada do Natal, os ramos verdes do domingo de ramos serão transformados nas cinzas da quarta-feira do ano seguinte, são formas de explorar toda a riqueza dos sentidos dos símbolos de cada tempo. “Não é uma catequese puramente explicativa, racional, do tipo que se realiza em uma aula. É uma catequese que desperta os sentidos, a sensibilidade de ver, de tocar, de se relacionar” (Paro, 2025, p. 64).

Para evoluirmos nesse processo catecumenal o manual de catequética da CNBB, no capítulo 13 intitulado “A Mistagogia”, escrito pela Ir. Rosângela Aparecida e o Pe. Roberto Bocalete, contribuem para nossa reflexão:

O encontro de catequese com metodologia mistagógica; o gosto pela vida de oração, desenvolvendo a dimensão contemplativa da experiência cristã; a consciência do quão importante é a vida sacramental da Igreja; a formação cristã da consciência moral, a educação para o sentimento de pertença à Igreja (SBCat, 2025, p. 255).

Logo, a mistagogia faz parte da ação do neófito, agora possuidor das verdades de fé que lhe foram apresentadas no processo catecumenal ter condições individuais de dar seus passos no crescimento da vida cristã, de forma ativa e consciente segundo a constituição *Sacrosanctum Concilium*.

Os catequistas têm papel fundamental nessa relação entre liturgia e mistagogia, os encontros devem ser celebrativos, apresentando a riqueza e beleza dos ritos, com seus símbolos, cores e tempos litúrgicos, que façam os neófitos se apaixonarem e celebrarem com mais amor o mistério eucarístico, o catequista deve ser testemunha de fé na comunidade eclesial e ter formação adequada para vivenciar na Igreja o ministério o qual lhe foi confiado, levando a todos ao mistério de Deus.

3.4 Catequese continuada como processo formativo dos cristãos

A IVC não se resume à recepção dos sacramentos batismo, crisma e eucaristia, mas é uma preparação dos leigos a serem discípulos missionários de Jesus Cristo.

Os sacramentos não são pontos de chegada, mas introdução (pelo batismo) e alimentação e direcionamento da vida (pelos demais sacramentos) em, por, para e com Jesus Cristo, na força amorosa do Espírito Santo, para a glória de Deus Pai (Nery, 2019, p. 312).

A comunidade tem por responsabilidade acolher a todos que procuram receber os sacramentos e dar um segundo passo, uma vez que nem todos os iniciados na fé estão evangelizados. O reflexo da descontinuidade no processo formativo se vê no esvaziamento das comunidades após os catecúmenos receberem os sacramentos são poucos os que continuam na Igreja.

A IVC tem intrínseca relação com a liturgia, o mistério pascal celebrado e recebido com a vida sacramental devem preparar os cristãos para a importância da continuidade da vida de oração. “A liturgia é fonte inesgotável de formação do discípulo missionário, e as celebrações, pela riqueza de suas palavras e ações, mensagens e sinais, podem ser consideradas como ‘catequese em ato’ (expressão utilizada na catequese renovada)” (CNBB, 2017, n. 182).

No contexto atual da evangelização, após iniciarem na fé, os cristãos fazem parte da comunidade eclesial por meio da celebração eucarística; fazendo comunhão, devem participar dos ritos celebrativos de cada tempo litúrgico e, por meio da palavra, aprofundar sua fé. Assim, a vida missionária deve ser considerada uma resposta ao protagonismo laical promovido pelo Vaticano II no capítulo II da constituição *Lumen Gentium*. Enfim, como vemos, com “a santificação da vida dos cristãos não se dá apenas pelos sacramentos recebidos, mas também pelo carisma que os tornam cristãos aptos aos serviços que contribuem para a renovação da Igreja” (LG, 12).

Um desafio é o de evangelizar a família, tema tratado na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, a qual reforça a importância na educação dos filhos na fé mesmo com as adversidades do mundo atual. Assim, “a família é chamada a ser lugar de iniciação, onde se aprende a rezar e viver os valores da fé” (CNBB, 2017). Valorizar a preparação para o sacramento do matrimônio. “Pode-se adotar um itinerário catecumenal que forneça aos noivos os elementos necessários para celebrar o matrimônio com certa solidez a vida familiar” (CNBB, 2017).

A Igreja toma posse da reflexão sobre a IVC na 47ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil em 2009, com a formação de uma Comissão Episcopal Bíblico-Catequética com especialistas sobre catequese. O Estudo da CNBB 97, com o tema Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal, dá passos enfatizando o DAp, 2007, que trabalhou a importância de mudarmos a maneira como evangelizamos, instruindo os cristãos na fé.

A catequese continuada deve prever cristãos uma vez inseridos na vida cristã, “implica sempre um permanente estado de conversão, santificação, atualização, crescimento na espiritualidade, no conhecimento, e na intimidade com o mistério” (CNBB, 2009b, n. 115). Toda ação da Igreja se reflete no exercício da fé, por inspiração do encontro individual com o Cristo, refletindo no testemunho na evangelização em vista de alcançar as famílias.

A comunidade pode auxiliar os pais na educação dos filhos na fé, um compromisso assumido no sacramento do matrimônio e renovado na celebração do batismo. Desta maneira, “[...] para a Igreja, a família exerce um papel essencial na evangelização, na catequese, na vida da comunidade e com a transformação do mundo” (CNBB, 2009b, n. 133).

Na prática, infelizmente, não está sendo eficaz o compromisso das famílias no crescimento da Palavra de Deus, na espiritualidade a um Deus criador que acompanha estas famílias com a ação do seu filho Jesus que garante a salvação e a percepção da ação do Espírito Santo que conduz as famílias preservando-as das tentações da sociedade contemporânea e seus desafios atuais (CNBB, 2009b).

A missão pastoral não pode se reduzir à catequese e vivência litúrgica, promovendo a acolhida das famílias com suas variadas situações sociais no mundo atual. Necessita de uma integração que envolva os demais agentes, “por isso, é importante na Igreja, uma bem articulada e dinâmica Pastoral Familiar, não isolada, mas em profunda comunhão com todas as demais pastorais” (CNBB, 2009b, n. 138).

O adulto, por decisão pessoal, busca a IVC na busca por respostas às inquietações da vida mediante as propostas que o mundo oferece, escolher a que mais faça sentido. Aqui o papel fundamental da comunidade com o testemunho, “exerce grande influência positiva o testemunho da participação da comunidade nos ritos e nas celebrações na experiência da fé, iniciada na escuta da Palavra” (CNBB, 2017).

Deste modo, a catequese continuada é um meio eficaz na promoção e valorização da IVC com todos os envolvidos, independentemente da idade, desde crianças a adultos, sejam inseridos na vida da comunidade. Assim, realizem a experiência de fé com a formação integral dos agentes envolvidos, a espiritualidade dos cristãos sem perder de vista o compromisso pastoral de acolhida a todos. A IVC torne-se um caminho permanente de discipulado, no qual, assumam a vocação batismal e pratiquem a fé na Igreja, incorporando valores para a vida na sociedade.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada permitiu compreender que a Iniciação à Vida Cristã (IVC) não se reduz a etapas de instruções doutrinárias, senão constitui a unidade orgânica da missão evangelizadora da Igreja. O percurso histórico documental analisado apresenta um processo vital ao mergulho no Mistério de Cristo que acompanha a vida da Igreja desde suas origens. Deste modo, o catecumenato não se torna um mero método didático, mas compreendemos que se trata de um itinerário teológico experiencial e celebrativo na liturgia da Igreja que se configura a Cristo, pela fé professada e testemunhada.

Desde o primeiro capítulo, sob um olhar histórico da Igreja Primitiva, permitiu caminhar próximo de como se dava a formação dos primeiros cristãos, com os Padres da Igreja Hipólito, Justino e Orígenes, estabelecendo um rigoroso e ardente percurso de conversão. A formação cristã passou por desafios históricos na Igreja no modelo de união com os impérios e governos que refletiram no declínio do catecumenato, para uma fé de transmissão de conteúdo, diferentemente dos primeiros séculos; a Europa passa por estas transformações que mudaram o modelo pedagógico da experiência cristã de testemunho ao método de instrução doutrinal.

No Brasil, no primeiro momento do processo catequético realizado pelas antigas ordens e pelas missões jesuítas e outras congregações que se espalharam em solo brasileiro, a centralidade da missão inicial de cristianizar os povos originários, seguindo sua cultura e valores, vai sendo substituída pela metodologia europeia de instrução doutrinal e transmissão da fé. A religião como instrumento de dominação pela coroa portuguesa marca a imposição de uma cultura, costumes e comportamento da sociedade brasileira que começa a ser formada.

No segundo capítulo, com o Vaticano II que propôs o resgate às fontes Bíblicas, encontra-se um divisor de águas para o processo de Iniciação à Vida Cristã na Igreja, com a redescoberta da centralidade no Querigma, passando do sistema apenas de transmissão de conteúdo da fé, para uma caminhada formativa gradual de construção teológica, litúrgica e alcançando a mistagogia na prática cristã.

A superação de uma catequese apenas de transmissão de conteúdo é urgente e, deste modo, o Catecismo da Igreja Católica não pode ser uma camisa de forças e sim instrumento de base doutrinal, teológica e fundamentos do magistério

sobre questões que exigem atuação da Igreja. Deste modo, o processo catequético deve ser progressivo e contínuo, para se alcançar o desejo do Documento de Aparecida, o qual reforça a importância da Iniciação à Vida Cristã como escola de formação de discípulos missionários, capazes de testemunhar a Jesus em uma sociedade plural e moderna.

No terceiro capítulo, as diretrizes da CNBB dão bases sólidas para a Iniciação à Vida Cristã, mesmo com as distorções na aplicação os fundamentos da fé estão sendo postos e desenvolvidos em vários momentos da história, e talvez por isso a CNBB precisou falar em vários documentos sobre o tema, devido às divergências na sua compreensão e aplicação prática da IVC. Esses instrumentos ratificam que a eficácia do método de Iniciação à Vida Cristã irá depender muito mais do modelo escolhido pela Igreja local, assim estou a favor do modelo de inspiração catecumenal, difundido em vários lugares, isso implica que a catequese deve ser compreendida como um processo de iniciação ao Mistério, onde a Escritura, a Tradição e o Magistério convergem para formar a identidade cristã.

O desafio está na abertura de toda a Igreja para a acolhida e inserção dos novos membros na comunidade, a metodologia de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal. A Igreja precisa se organizar em todos os níveis para a elaboração de uma metodologia eficaz, com a construção e participação dos catequistas, que vão aplicar a IVC nas famílias. Isso requer instrumentos compreensíveis e didáticos, fazendo com que os cristãos sejam despertados para a vida com Cristo e os sacramentos não sejam um fim, mas o início da maturidade na fé, formando autênticos discípulos missionários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. Tradução e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2020.

AIBERICH, E. e BINZ, A. **Catequese Evangelizadora** – Manual de Catequética Fundamental. São Paulo, EDB, 2004.
Disponível em: <<https://edbbrazil.org.br/selesianidade/catequese-evangelizadora>>
Acesso em 13 abr. 2026.

BENTO XVI, Papa. Audiência Pública: **Clemente de Alexandria**. Dia Quarta-feira, 18 de abril 2007. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070418.html>. Acesso em 14 out. 2025.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CARMO, Solange Maria do. **A catequese no mundo atual**: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese. São Paulo: Paulus, 2016.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **Exortação aos gregos**. Tradução: Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo: É Realizações, 2013.

CLEMENTE DE ROMA. **Padres Apostólicos**. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã** – Documentos da CNBB, 2a, São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. **Com Adultos, catequese adulta**: rumo à maturidade em Cristo — Estudos da CNBB 80, São Paulo: Paulus, 2001a.

_____. **O itinerário da fé na "iniciação cristã de adultos"** — Estudos da CNBB 82, São Paulo: Paulus, 2001b.

_____. **Segunda semana brasileira de catequese** — Estudos da CNBB 84, São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Ouvir e Proclamar a Palavra: Seguir Jesus no Caminho** A catequese sob a inspiração da *Dei Verbum* — Estudos da CNBB 91, São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental**. Subsídios Doutrinários. Brasília: Edições CNBB, 2009a.

_____. **Iniciação à vida cristã** um processo de inspiração catecumenal — Estudos da CNBB 97, Brasília: Edições CNBB, 2009b.

_____ **Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários**
— Documentos da CNBB 107, Brasília: Edições CNBB, 2017.

_____ **Diretório Nacional de Catequese**. – Documentos CNBB 84, 4ª edição.
Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Dei Verbum*. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____ Constituição *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____ Constituição *Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. São Paulo: Paulus, 1997.

DE OLIVEIRA, A. A. M. **Iniciação à vida cristã**. *Kairós*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 173–187, 2010. Disponível em:
<<https://www.ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/224>>.
Acesso em: 4 jun. 2025.

DIDAQUÉ: **o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

DOCUMENTO de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

DOCUMENTOS, sobre a Bíblia e sua interpretação (1893-2010). 2.ed. In: Pontifícia Comissão Bíblica – 1964, Instrução **Sancta Mater Ecclesia** – São Paulo: Paulus, 2019.

_____ In. Exortação Apostólica Pós- Sinodal **Verbum Domini** – Bento XVI, 2010.

FISICHELLA, Rino (Coord.). **Comentário Teológico-Pastoral - Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2024.

_____ CARVAJAL BLANCO, Juan Carlos. **Os Sacramentos da Iniciação Cristã – O Sacramento do Batismo**. Os Sacramentos da Iniciação Cristã. In: FISICHELLA, Rino (coord.). **Comentário Teológico-Pastoral: Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2024. p. 317-329.

_____ SCHÖNBORN, Christoph. **O catecismo da Igreja Católica nas Igrejas Particulares. I. a fé** – um conjunto orgânico. In: FISICHELLA, Rino (Coord.). **Comentário Teológico-Pastoral - Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2024. p. 39-47.

HIPÓLITO de Roma. **Tradição Apostólica de Hipólito de Roma**. Trad. Maria da Glória Novak. Vozes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

IGREJA CATÓLICA. **Youcat Brasil**: Catecismo da Igreja Católica para jovens. São Paulo: Paulus, 2011.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica **CATECHESI TRADENDAE**. 16 out. 1979.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>. Acessado em 26 fev. 2026.

_____ Constituição Apostólica **Fidei Depositum** para a publicação do Catecismo da Igreja Católica redigido depois do Concílio Vaticano II. 11 out. 1992.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html> Acesso em 26 fev. 2026.

JUSTINO DE ROMA, **Apologias 1 e 2**. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

MARQUES, Luis Felipe, Thiago Faccini Paro. **Liturgia e Catequese: um só coração**. 1ª ed. Aparecida - SP: Editora Santuário, 2025.

NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019.

ORIGENES. **Tratado sobre os princípios**. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 2012.

PARO, Thiago Faccini. **Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã: O que é e como fazer**. 7ª reimpressão. São Paulo: Vozes, 2025.

PIO XII, Papa. **Carta Encíclica Mediator Dei**: Sobre a Sagrada Liturgia. 20 de novembro de 1947. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html>. Acessado em: 26 fev. 2026.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

RITUAL ROMANO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**, renovado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica, São Paulo: Paulus, 2001.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. **Manual de Catequética**. 1ª ed. São Paulo: Edições CNBB, 2025.